

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

LARISSA DOS SANTOS ALVES

**“NÃO É OPÇÃO, ISSO VEM, NASCE NA PESSOA”:  
PERCEPÇÃO DE PRECONCEITO POR HOMOSSEXUAIS MASCULINOS  
IDOSOS NOS CONTEXTOS DE FAMÍLIA, TRABALHO E AMIZADES**

VITÓRIA

2016

LARISSA DOS SANTOS ALVES

**“NÃO É OPÇÃO, ISSO VEM, NASCE NA PESSOA”:  
PERCEPÇÃO DE PRECONCEITO POR HOMOSSEXUAIS MASCULINOS  
IDOSOS NOS CONTEXTOS DE FAMÍLIA, TRABALHO E AMIZADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Prof<sup>o</sup> Dr. Paulo Rogério Meira Menandro.

VITÓRIA

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

A474n Alves, Larissa dos Santos, 1989-  
“Não é opção, isso vem, nasce na pessoa” : Percepção de preconceito por homossexuais masculinos idosos nos contextos de família, trabalho e amizades / Larissa dos Santos Alves. – 2016.  
90 f.

Orientador: Paulo Rogério Meira Menandro.  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Preconceitos. 2. Homossexualidade. 3. Envelhecimento.  
I. Menandro, Paulo Rogério Meira. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

---

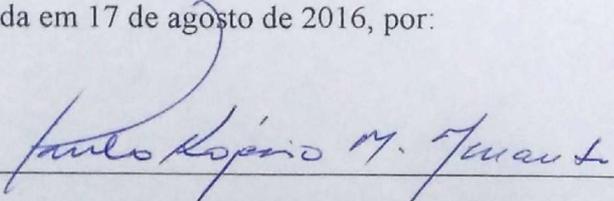
**“NÃO É OPÇÃO, ISSO VEM, NASCE NA PESSOA”:  
PERCEPÇÃO DE PRECONCEITO POR HOMOSSEXUAIS  
MASCULINOS IDOSOS NOS CONTEXTOS DE FAMÍLIA, TRABALHO  
E AMIZADES**

LARISSA DOS SANTOS ALVES

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Aprovada em 17 de agosto de 2016, por:



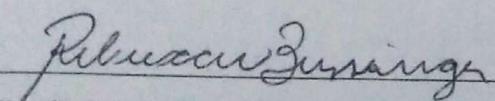
---

Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro - Orientador, UFES



---

Prof. Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento - UFMG



---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rebeca Valadão Bussinger - UFES

*“Todo preconceito impede a autonomia do homem, ou  
seja, diminui sua liberdade relativa  
diante do ato de escolha, ao deformar e,  
consequentemente, estreitar a margem real de  
alternativa do indivíduo.”*

Agnes Heller, em *O Cotidiano e a História*

## AGRADECIMENTOS

Estes agradecimentos são tão importantes quanto toda a dissertação, pois pude relembrar o caminho percorrido diante minha trajetória acadêmica e também pessoal. Então inicialmente gostaria de agradecer a Deus por sempre ter guiado meus passos nas escolhas da vida e nunca ter me desamparado nos momentos mais difíceis, dando-me força para enfrentar toda e qualquer dificuldade. Prova disso foi a infeliz coincidência de não ter podido me despedir dos meus queridos avós (João e Albertina), que partiram justamente nos dois anos em que realizava esta pesquisa. Devido à distância física a que eu estava deles poderia ter sido ainda mais doloroso se não tivesse fé na força que Ele me deu.

É com eterna gratidão que agradeço a pai e a mãe por não medirem esforços e sempre priorizarem os estudos dos filhos, desde o início da vida escolar até a pós-graduação. Cada vitória nossa é, sobretudo, vitória de vocês também e sei que sentem-se orgulhosos de todas as nossas conquistas! Ao meu irmão Luandson, gostaria que dizer que sinto muita falta das nossas “bringadeiras” durante o tempo em que resido em Vitória. Eu os amo muito!!!

Ao meu ilustre orientador Paulo Rogério Meira Menandro que acolheu sem restrições o tema de pesquisa que eu desejava abordar e proporcionou os direcionamentos essenciais, com toda a sua experiência, para a realização da mesma.

A minha amiga Suzy que se tornou uma irmã nessa trajetória começada na faculdade e que com certeza vai durar a vida inteira, pois pudemos compartilhar mais intensamente todas as nossas alegrias, tristezas, anseios, medos, enfim, todos os nossos sentimentos por termos dividido a mesma moradia durante o tempo do mestrado, para além das viagens que sempre adoramos fazer, hein amiga! Ao brother Toninho que proporcionou e facilitou a estadia minha e de Suzy em Vitória. Aos meus amigos e amigas que prometeram me visitar e não vieram, mas mesmo longe mostram seu apoio cada qual a sua maneira, por meio de telefonemas e mensagens quando a saudade batia. Alan sempre aquele amigo especial, ou melhor, um irmão

da infância até o sempre. Karla, com quem dividia afinidades de amigas e da vida de mestranda. A Caline me divertindo por compartilhar o crescimento de Maria Eduarda com fotos e vídeos que sempre me enviava. A Lis e a Samara, com as quais eu e Suzy formamos o quarteto de amigas que na universidade uniu-se.

A todos os meus familiares (tios, tias, primos e primas) que me desejam sucesso e vibram com minhas conquistas alcançadas, especialmente titia Fátima, tia Lena com as filhas e netos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal do Espírito Santo e aos seus professores pelos ensinamentos.

Ao professor Daniel Espíndula, da UNIVASF, por ter acreditado e incentivado os meus passos na trajetória acadêmica.

A CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - pelo financiamento e incentivo à pesquisa.

Aos participantes, que aceitaram compartilhar aspectos de suas vidas com uma desconhecida entrevistadora, e às colegas da pós-graduação que viabilizaram a identificação e o contato com esses participantes.

Todos vocês foram essenciais e aqui deixo o meu muito OBRIGADA!

## RESUMO

Alves, L. S (2016). “Não é opção, isso vem, nasce na pessoa”: Percepções de preconceito por homossexuais masculinos idosos nos contextos de família, trabalho e amizades. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES.

O objetivo do estudo foi investigar como homossexuais masculinos idosos interpretaram e se portaram em situações nas quais se perceberam alvo de preconceito. Foram entrevistados seis senhores contatados a partir de conhecidos comuns e da técnica “bola de neve”. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada, apoiada em roteiro que incluiu indagações: sobre eventuais exposições a situações de preconceito e discriminação ao longo de suas vidas; sobre as estratégias utilizadas pelos entrevistados para lidarem com os fatos ocorridos nessas situações nas quais acreditam terem sido discriminados; e sobre os contextos de ocorrência, o que inclui relações familiares, escolares, amorosas, profissionais, momentos de lazer e interação social, abrangendo qualquer etapa da vida. As respostas fornecidas foram objeto de exame realizado com uso da técnica de análise de conteúdo categorial. Todos os participantes disseram que desde muito jovens perceberam que sentiam atração por pessoas do mesmo sexo, o que foi sempre avaliado por eles como impróprio, gerou receio e jamais foi revelado à família. Foram relatados episódios de preconceitos das mais diversas modalidades vividos pelos entrevistados. A situação atual é avaliada como melhor do que a de épocas anteriores. Vários pontos dos relatos evidenciam que os participantes se desenvolveram em permanente condição de insegurança, o que compõe aspecto interferente na constituição de sua identidade. Tal insegurança é revelada quando falam de sua preferência por atividades nas quais se expõem menos e reconhecem sua limitação de transitar livremente por todos os espaços sociais.

**Palavras-chave:** preconceito, homossexualidade, envelhecimento.

## ABSTRACT

Alves, L. S (2016). "It is not an option, it comes, it was born in the person." Perceptions of prejudice in elderly male homosexuals in the context of family, work and friendship. Master Thesis, Graduate Program in Psychology, Federal University of Espirito Santo. Vitória, ES.

The aim of this study was to investigate how elderly male homosexuals interpreted and conducted themselves in situations which they perceived prejudice against them. Six gentlemen, contacted from the "snowball" technique, were interviewed after the signing of the Term of Consent. For data collection it was used semi-structured interviews supported in script containing socio-demographic issues and open questions talking about possible situations of prejudice and discrimination, and also the strategies used by the participants to deal with the occasions on which they believe they have been discriminated against in their family relationships, school, loving, professional, leisure time and social interaction, including any stage of their lives. The answers provided were the subject of an examination performed with the use of the technique of categorical content analysis. All participants said that from a young age realized they were attracted to people of the same sex, which was always valued by them as inappropriate, it generated fear and was never revealed to the family. It was reported a variety of episodes of prejudice. The current situation is assessed as better than the previous times. Several points of the reports show that participants have developed in a permanent condition of insecurity, which makes up an interfering aspect in the formation of their identity. Such insecurity is revealed when they talk about their preference for activities that are less exposed and they also recognize their limitations to freely move between all social spaces.

**Keywords:** prejudice, homosexuality, aging.

## SUMÁRIO

<b>1.APRESENTAÇÃO</b> .....	09
<b>2.INTRODUÇÃO</b> .....	12
2.1.O preconceito em estudo.....	12
2.2.Homossexualidade masculina: algumas considerações.....	26
<b>3.OBJETIVOS</b> .....	33
3.1.Objetivo Geral.....	33
3.2.Objetivos específicos.....	33
<b>4.estratégia metodológica: contexto de realização da pesquisa</b> .....	34
4.1.1.Fontes de dados.....	34
4.1.2.Os senhores protagonistas.....	35
4.2.Procedimento de coleta dos dados.....	43
4.3.Análise dos dados.....	43
4.4.Aspectos éticos.....	44
<b>5.RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	45
5.1.Admissão da orientação sexual e relação com a família e amigos.....	46
5.2.Preconceito, discriminação, estratégias utilizadas e auto-conceito.....	58
5.3.Reavaliação de estratégias utilizadas e expectativas sobre futuro da relação sociedade - homossexualidade.....	71
<b>6.CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	75
<b>7.REFERÊNCIAS</b> .....	81
<b>APÊNDICE A- Roteiro de entrevista</b> .....	86
<b>APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	89

## **“Não é opção, isso vem, nasce na pessoa”<sup>1</sup> : Percepção de preconceito por homossexuais masculinos idosos nos contextos de família, trabalho e amizades**

Larissa dos Santos Alves

### **1. APRESENTAÇÃO**

Escolher um tema de pesquisa envolve partir de afinidades que o pesquisador descobre à medida que, de alguma forma, entra em contato com realidades (ou com a literatura científica sobre tais realidades) em que salientam-se possíveis objetos de estudo que estimulam a curiosidade e se afiguram como sendo de interesse para o conhecimento e para a sociedade. Nesse sentido, desde o início da graduação deparei-me com a Psicologia Social, estudando inicialmente a temática da violência e, em associação com tal tema, em seguida atentei para a importância de ampliar a compreensão sobre o fenômeno do preconceito. Por inquietações despertadas pela constatação do preconceito do qual são alvo pessoas homossexuais, com consequências extremamente prejudiciais a elas, resolvi abordar esse tema, em 2013, em Trabalho de Conclusão de Curso, ainda na graduação.

Nessa pesquisa acima mencionada o objetivo foi o de conhecer representações sociais de amizade com homossexuais reveladas por universitários das áreas de ciências da saúde, humanas e exatas, pretendendo-se identificar a eventual presença de preconceito. Não foi solicitado aos participantes que informassem sua orientação sexual. Obteve-se como resultado evidências de presença do preconceito dirigido a homossexuais entre integrantes do grupo estudado, mas expressado de forma sutil e não flagrante, ou seja, como forma velada de

---

<sup>1</sup> “Não é opção, isso vem, nasce na pessoa” é um trecho da entrevista de um dos participantes que representa significativamente a opinião de todos os outros entrevistados, derivando, assim, o título da dissertação.

preconceito. Dessa forma, fica evidente que persiste a necessidade de muita ação e discussão sobre o assunto, mesmo entre indivíduos com maior nível de acesso à informação que outras pessoas, mas que desenvolveram-se em um ambiente cultural de rígida tradição heteronormativa.

Pesquisas sobre a temática do preconceito sempre enfrentaram dificuldades para definir estratégias metodológicas eficazes na detecção do fenômeno de maneira direta ou explícita. Os indivíduos que compactuam com concepções preconceituosas podem evitar responder de forma sincera em situações de entrevistas, assim como também podem evitar fazê-lo ao responder a outros instrumentos de coleta de informações sobre esse assunto. Os estudos desenvolvidos na área da psicologia usaram estratégias variadas e criativas na tentativa de superar a dificuldade citada, o que não quer dizer que se tenha chegado a uma solução adequada e amplamente aceita pelos grupos de pesquisas que têm interesse no fenômeno.

Diante disso, a investigação proposta nesta Dissertação optou por abordar outro público, com curiosidade em conhecer experiências de preconceito a partir de outro ângulo, o dos próprios alvos potenciais do preconceito: no caso, homossexuais com trajetória de vida de pelo menos cinco décadas. Tempo em que podem ter sido vividas experiências dessa natureza e durante o qual deve ter havido oportunidade de reflexão e amadurecimento no entendimento dessas eventuais experiências. Trata-se de um grupo que não tem sido chamado a manifestar-se em qualquer instância. Embora estejam disponíveis inúmeras manifestações individuais e institucionais anti-preconceito, e ainda que existam alguns dispositivos legais referentes ao tema, ainda é comum assistir cenas de violência contra homossexuais nos noticiários, caracterizando casos de homofobia.

O interesse em ampliar a compreensão do fenômeno do preconceito, vinculado à desafiadora proposta de conhecer aspectos relacionados especificamente à homofobia, e de

discutir temas que podem favorecer melhor percepção de situações discriminatórias, encorajou a busca de contato com homossexuais idosos. A expectativa de partida era a de que ao narrarem aspectos de suas trajetórias de vida, seria muito improvável que os participantes não mencionassem a vivência de episódios de discriminação, pelo menos em algumas das etapas de suas vidas.

A parte introdutória do trabalho está organizada de maneira a apresentar, de início, considerações de interesse histórico e teórico sobre o fenômeno do preconceito e pesquisas sobre a temática. A seguir são apresentadas informações e estudos sobre homossexualidade masculina, inclusive com menção aos poucos estudos desenvolvidos com a população idosa. Na seção Método é detalhado o caminho metodológico percorrido para alcançar os objetivos do estudo. Os resultados encontrados e sua discussão são apresentados na sequência, dispostos em três tópicos que abarcam os seguintes conteúdos: 1) Admissão da orientação sexual e relação com a família e amigos; 2) Preconceito, discriminação, estratégias utilizadas e auto-conceito; 3) Reavaliação de estratégias utilizadas e expectativas sobre futuro da relação sociedade - homossexualidade. O texto se encerra com as considerações finais.

## 2. INTRODUÇÃO

### *2.1. O preconceito em estudo*

A medida que os fenômenos intergrupais passaram a ser estudados pelo conjunto das ciências sociais já no início do século XX, em contexto no qual eram marcantes as dificuldades nas relações entre grupos em decorrência de distintas concepções culturais, econômicas e políticas, ficou constatado que integrantes de um grupo atribuíam a integrantes de outros grupos, de forma generalizada, características negativas, desqualificadoras e justificadoras das hostilidades presentes nas relações. Na Psicologia, em especial, desde tal época o fenômeno do preconceito surge como temática de preocupação e de interesse científico (Monteiro, 1997). Sobre o período inicial do século XX no qual ganhou forma a discussão do preconceito, deve ser assinalado que tanto no continente americano como na Europa ocorreram eventos marcantes que envolvem alterações nas relações intergrupais. Como registrou Rossow (2015), houve:

A oficialização da abolição da escravidão negra nas Américas, colonizada em toda a sua extensão por povos europeus, mas com o desafio de incorporar ao quadro de relações intergrupais, sem diferenciações formalizadas e legais, enormes contingentes de despossuídos que, até pouco tempo atrás, faziam parte da vida social apenas como força de trabalho que tem proprietários que dela podem usufruir com quaisquer propósitos e que pode ser comercializada. Na Europa, os conflitos étnicos (envolvendo, por exemplo, divergências linguísticas ou religiosas), disputas territoriais, e desigualdades econômicas, acirravam conflitos que conduziram a enfrentamentos bélicos (p. 24).

Tanto o fenômeno do preconceito, que caracteriza um processo psicossocial, como os esforços teóricos e metodológicos para compreendê-lo, alteraram-se ao longo do tempo. Em relação às abordagens iniciais é possível falar em predomínio de uma perspectiva psicologizante na qual características do indivíduo cujas ações permitiam classificá-lo como preconceituoso e discriminador eram identificadas como a origem de sua forma de agir, entre elas o tipo de personalidade, a generalização infundada, a rigidez do estilo de pensamento, a ignorância. Posteriormente, a partir da década de 1960, tornam-se disponíveis propostas nas quais a explicação do fenômeno do indivíduo considera que características compartilhadas por ele com os que lhe são próximos são corretas, adequadas e, portanto, superiores, “desloca-se do plano da personalidade para o plano das relações intergrupos”, importando analisar “as dimensões de diferenciação entre os grupos e as condições de emergência dessas dimensões” (Amâncio, 1997, p. 290).

É indispensável mencionar, como exemplo do que foi chamado acima de perspectiva psicologizante, a obra de enorme abrangência produzida em 1954 pelo pesquisador estadunidense Gordon Willard Allport, intitulada *The Nature of Prejudice* (citada na presente dissertação como: Allport, 1962). Tal obra pode ser classificada como um monumental esforço de revisão de conhecimento, de sistematização de informações e de relações constatadas, além de discussão de proposições para interferir nas relações sociais com o objetivo de redução de hostilidades. Monteiro (1997), por exemplo, assinalou que a obra de Allport representou “esforço hercúleo de articulação e de integração de hipóteses” provenientes de diferentes áreas de conhecimento e “esteve na origem de todos os modelos que se desenvolveram até os nossos dias, no âmbito da psicologia social, sobre a formação, funcionamento e redução dos preconceitos” (p. 313). De fato, o texto de Allport (1962), seis décadas após sua publicação, permanece como ponto de partida utilizado de forma recorrente para o estudo dessa prática persistente de se perceber e se avaliar cognitivamente e afetivamente a

realidade a partir de critério único e indiscutível: as características e as normas do grupo do qual se é integrante.

Como não poderia deixar de ser, trata-se de obra que privilegia aspectos cujo interesse salientava-se no contexto norte-americano no qual foi produzido. Os dois aspectos mais ressaltados na obra dizem respeito às diferenças étnicas e às diferenças raciais. No período demarcado pelas duas grandes guerras, com continuidade em termos de decorrências das atrocidades da segunda guerra mundial, fronteiras políticas e culturais nem sempre articuladas demarcaram novas nações na Europa, com movimentação populacional que forçou grupos ameaçados e despossuídos a buscarem alternativas em novos territórios nem sempre acolhedores. Muitos indivíduos buscaram abrigo nos Estados Unidos da América, gerando reações por vezes inamistosas, no mesmo período em que consolidava-se a luta dos negros norte-americanos por direitos cívicos. Dessa forma, o texto de Allport (1962) está repleto de exemplos que envolvem diferenças raciais e diferenças étnicas, ao mesmo tempo em que sequer menciona o preconceito contra homossexuais, o que não é incompreensível quando se considera a época referida e a forçada e quase absoluta invisibilidade da homossexualidade. O próprio Allport (1962), entretanto, já ressaltava a importância de um fator de intransigência presente nos dias atuais na discussão da homossexualidade. Diz o autor que quando se fala de preconceito é alta a chance de se pensar de imediato em preconceito racial, mas “quase sempre o preconceito e a perseguição tiveram outro fundamento; frequentemente se basearam na religião” (p. 10), mencionando como exemplos o fato de que judeus foram perseguidos por sua religião (e não por sua raça) e que mesmo a escravidão de negros africanos, paralelamente a ter proporcionado grandes ganhos econômicos, desenvolveu-se também com forte apoio em justificações religiosas.

A definição de preconceito proposta por Allport (1962) está bem difundida, estando disponível na grande maioria dos textos didáticos sobre o assunto. Ela prioriza como base do

fenômeno a presença de generalização sem fundamento, sem base na realidade, ao propor que o preconceito é “uma atitude hostil ou desconfiada dirigida a uma pessoa que faz parte de um grupo, simplesmente porque integra tal grupo, presumindo-se, portanto, que possua as qualidades censuráveis atribuídas ao grupo” (Allport, 1962, p. 22). Ao mencionar especificamente o preconceito étnico, Allport (1962) usou o termo “generalização imperfeita e inflexível” (p. 24), e acrescentou que refere-se a algo que se pode sentir ou que pode ser expressado. É importante assinalar que a palavra preconceito, originalmente, referia-se a um juízo prematuro, sem exame dos fatos, e só mais tarde “o termo adquiriu seu matiz emocional atual, aludindo ao estado de ânimo favorável ou desfavorável” (Allport, 1962, p. 20) que também o caracteriza.

Na esteira do trabalho de Allport foram formuladas diversas proposições que complementavam ou acrescentavam elementos ao modelo básico de compreensão do preconceito, mas mantendo a característica de afirmar que o preconceito refere-se a uma orientação afetiva negativa de um ou mais indivíduos, decorrente de processamento cognitivo impreciso, dirigida a qualquer integrante de determinados grupos sociais (Monteiro, 1997; Brown, 2010; Lima, 2013). Como assinalado por Lima (2013), nas diferentes proposições pioneiras sobre preconceito dois pontos sempre estiveram presentes: um deles é a orientação negativa em relação a membros de determinados grupos; o outro é a caracterização do fenômeno como algo não justificado e irracional (o surgimento da perspectiva da cognição social provavelmente contribuiu para que fosse considerado o papel de erros no processamento das informações e dos julgamentos sociais, como sugerem Pereira, Torres e Almeida, 2003). Trata-se de uma forma de pensar, conforme salienta Camino (2004), que implica origem psicológica do preconceito, visto então como atitude individual, do que decorre a visão de que “a discriminação objetiva é a expressão ou exteriorização de atitudes preconceituosas” (p. 235).

Tanto a explicação do preconceito exclusivamente como variável psicológica, ou seja, como decorrente de processos do psiquismo do indivíduo, como a abordagem pela perspectiva da irracionalidade pouco a pouco tornaram-se objeto de contestação. Um dos pontos em que se apóia a contestação é o fato de estarem sendo negligenciados “fatores situacionais e socioeconômicos que, na maioria das vezes, são muito poderosos em determinar esse fenômeno” (Pereira, Torres e Almeida, 2003, p. 97) ou, nas palavras de Camino (2004), está sendo definido o fenômeno pela atitude do indivíduo preconceituoso e não pelo processo de discriminação objetiva, que é o que realmente conta na vida social.

Pereira, Torres e Almeida (2003), valendo-se de argumentação fundamentada nas importantes contribuições referentes à análise das relações intergrupais proporcionadas por autores como Sherif e Doise, mostram que o viés de favorecimento endogrupal passa a ser visto no quadro dos conflitos ideológicos próprios de cada sociedade, ou seja, como consequência do contexto das relações de poder entre os grupos, e não mais em termos de motivações psicológicas. Reproduzindo suas próprias palavras (e assinalando que o uso do termo “minoritário” pelos autores não é indicação de quantidade de indivíduos):

Nessa perspectiva, o preconceito é definido como uma forma de relação intergrupala organizada em torno das relações de poder entre grupos, produzindo representações ideológicas que justificam a expressão de atitudes negativas e depreciativas, bem como a expressão de comportamentos hostis e discriminatórios em relação aos membros de grupos minoritários (Pereira, Torres e Almeida, 2003, p. 97).

Deve ficar claro que o preconceito não é decorrência automática do fato dos indivíduos estarem sujeitados a processos de construção da identidade social. Como argumentam Vala, Brito & Lopes (1999, conforme citação em Lima, 2013, p. 596), o que é plausível, em muitos casos, é que “estes processos reflectam as relações sociais onde ocorrem

e que, conseqüentemente, as legitimem, quer através da idealização do endogrupo, quer através da construção de uma imagem negativa sobre exogrupos relevantes”.

Quanto ao aspecto da irracionalidade como definidora do preconceito é possível dizer que, de certa forma, foi sempre tratado com algum tipo de reticência, uma vez que é perceptível argumentar que desqualificação, impedimento e exclusão, em contexto de relações intergrupais, podem ser conseqüências racionais e funcionais do preconceito. Brown (2010) apresentou um painel do surgimento de argumentos contrários à visão de que a irracionalidade (que associa-se à inflexibilidade) seja uma característica definidora do preconceito. No quadro atual da investigação sobre preconceito a convicção predominante é a de que o preconceito espelha as normas socioculturais dos grupos de pertencimento, e não a experiência social concreta do indivíduo em suas relações sociais. Nos termos de Lima (2013, p. 596) o preconceito decorre “das relações assimétricas de poder entre os grupos sociais”. Camino (1998) argumenta que o preconceito floresce em condições psicossociais que propiciam uma forma específica de organização dos processos afetivos e cognitivos, que possibilitam justificar as diferenças sociais existentes, a partir do que dão suporte aos processos de hostilidade e de exclusão.

Em qualquer modalidade de preconceito é inevitável que existam modelos consolidados de como se deve agir. Esses modelos têm papel normativo, ou seja, a partir deles se dá a definição de quem é e quem não é adequado. É claro que esses modelos foram construídos no contexto de um quadro de relações de poder, construção essa comandada pelos grupos que dominam em detrimento dos dominados, que serão alvos do preconceito (Lima, 2013). Compreender a adequação dessa proposição de modelos relacionados a grupos dominantes não é difícil, principalmente nos quadros tradicionalmente abordados no estudo do preconceito, como o preconceito racial, o preconceito étnico, ou o preconceito relativo à condição econômica, mesmo considerando que os grupos detentores de poder podem

constituir minorias em termos de volume na população. São formas de preconceito que envolvem oposições diretamente pertinentes à estrutura socioeconômica, consolidadas de forma que estão inscritas, sem estarem escritas, nas práticas cotidianas das instituições escolares, jurídicas, penais, de saúde e nas empresas. Estão, por isso mesmo, menos disfarçadas, e a discussão de sua natureza econômica, cultural e política é menos evitável.

Para outras situações, entretanto, muitos indivíduos foram levados a terem dúvida em relação à comparabilidade com tais casos, e um exemplo é o da homossexualidade. Uma das razões para isso é o fato de haver uma história de menções à homossexualidade em associação com a esfera da imoralidade e da patologia (em Borrillo, 2010, diversos aspectos dessa história são explorados): em textos legais, em dicionários, em manuais de saúde, em textos religiosos, em textos de humor, entre outros. Essa história contribuiu para tornar socialmente plausível a crença na necessidade de intervenção corretiva, de moralização, de tratamento médico ou psicológico. É a história da homofobia, a história da inferiorização em uma escala hierárquica das sexualidades, que decorre de “conferir um status superior à heterossexualidade, situando-a no plano do natural, do que é evidente” (Borrillo, 2010, p. 15).

É possível falar de manifestações preconceituosas de diferentes intensidades ou graus, ainda que isso não altere o fato de que compartilham uma mesma lógica, constituindo, portanto, um mesmo fenômeno. Essas manifestações de preconceito em diferentes graus estão influenciadas às condições históricas, culturais, educacionais, econômicas e legais que estejam em vigor em determinada época, incitando-as ou inibindo-as, e da intensidade dos conflitos associados a determinada época, como lembra Rossow (2015). Isso ocorre porque tais manifestações de hostilidade constituem reações aprendidas. Como esclarece França (2013), “desde a aprendizagem básica dos comportamentos em si até a valorização e a percepção da necessidade de praticar cada um deles, toda a aprendizagem necessária para a prática desses comportamentos, e mesmo a valorização de cada um deles e a percepção de sua necessidade,

são adquiridas através do processo de socialização” (p. 541/542), o que indica não estar em jogo apenas aprender capacidades, mas também significados a elas pertinentes, inclusive aqueles relativos às concepções de moralidade e normalidade presentes no contexto em que se deu a aprendizagem.

Allport (1962), em seu trabalho clássico, arrolou cinco modalidades de manifestações de preconceito que podem ser tomadas como cinco níveis, identificando-as como “falar mal”, “evitar o contato”, “discriminação”, “ataque físico” e “extermínio” (p. 29). Em ponto posterior do mesmo trabalho Allport (1962) examinou de forma mais detalhada o tema, agrupando as cinco formas de manifestações antes arroladas em três categorias de gradações de rejeição de exogrupos: 1) Rejeição verbal (falar mal); 2) Discriminação (incluindo segregação); 3) Ataque físico (com todos os graus de intensidade) (p. 67). Cada uma dessas categorias, em si mesmas, comportam gradações de intensidade, sendo assim, conhecer informações adicionais sobre a noção de intensidade das manifestações preconceituosas pode ser relevante para lidar com o preconceito contra homossexuais.

Sobre a rejeição verbal, Allport (1962) destaca que é frequente constatar-se a existência de uma animosidade moderada refletida no falar mal de alguém, ato que às vezes ocorre como “brincadeira” ou “piada”, mas ainda assim podem conter hostilidade genuína, cujo resultado final é a desqualificação ou rebaixamento do exogrupo. Uma forma mais intensa de hostilidade é revelada pelo recurso de usar epítetos ou apelidos (muito adotado, por exemplo, no caso do preconceito racial, mas também acionado no caso de preconceito contra homossexuais). Monteiro (1997) lembra que variações no uso de tais verbalizações podem estar vinculadas ao fato de estarem em jogo situações privadas ou públicas, principalmente em momentos de tensão emocional. Allport (1962) acrescenta que “quando o falar mal alcança um grau elevado de intensidade, é provável que esteja associado com discriminação manifesta e ativa e mesmo, possivelmente, com a violência” (p. 69).

Sobre a evitação, a discriminação e a segregação é importante assinalar de início que evitar contato, é algo que podemos fazer corriqueiramente, sem que o fato de que nós nos afastemos caracterize preconceito, como frisou Allport (1962). O preconceito ocorre quando essa evitação leva a excluir alguém da possibilidade de usufruir de serviços e instituições dos quais nos valemos (Allport, 1962 cita como exemplos cláusulas restritivas, boicotes, segregação legal em certos locais, restrição de acesso a determinadas instituições como escolas, hospitais ou clubes, pactos de cavalheiros firmados sem amparo legal, como, por exemplo, não alugar ou vender imóvel no bairro a pessoas com características raciais ou culturais indesejadas). São ações, como assinalou Monteiro (1997), cujas consequências negativas para os grupos que as vivenciam, em muitos casos, permanecem vigentes e estáveis como parte de seu cotidiano e na estrutura das relações sociais.

O fato de algumas dessas manifestações ocorrerem sem que estejam claramente explicitadas as coloca na condição de fenômeno de difícil apreensão e estudo, pois além de seu caráter eventual, acontecem mais tipicamente em espaços protegidos, nos quais são menores as chances de confrontos e reações. De fato, Allport (1962) já havia constatado que a discriminação se reduz em situação de enfrentamento direto. Vale mencionar nesse ponto que, considerados os aspectos acima mencionados, é compreensível que muitas pesquisas tenham recorrido à alternativa de instrumentos respondidos voluntariamente, sob anonimato, na expectativa de os respondentes admitirem, por razões de consciência ou de forma inadvertida, atitudes ou práticas preconceituosas.

Na última categoria de modalidades de ações preconceituosas apresentadas por Allport (1962), a violência física fica claramente configurada. A situação extrema de extermínio não constitui apenas uma possibilidade, havendo na história das sociedades humanas exemplos de diversos genocídios étnicos que grupos hegemônicos levaram a cabo, com enorme número de mortos. Um tipo de ocorrência que foi bastante comum nos Estados Unidos da América,

associado ao preconceito racial, foi o linchamento, com o qual o texto de Allport (1962) se ocupa com diversas considerações. O fenômeno do linchamento viveu período de grande incidência também no Brasil, mas sem que seja possível caracterizá-lo como diretamente vinculado a alguma forma típica de preconceito (Menandro e Souza, 1991). Quanto aos atos de violência física contra membros de grupos discriminados, que não são detentores de qualquer forma de poder, é fato cuja ocorrência não é incomum e, em muitos casos, é bastante frequente.

Ainda que o trabalho de Allport (1962) não tenha feito quaisquer referências ao preconceito contra homossexuais, manifestações de todos os tipos que ele arrolou não são estranhas a esse universo. Manifestações verbais de deboche ou desqualificação de homossexuais fazem parte do dia-a-dia, alimentam o anedotário brasileiro, e impregnam muitas manifestações veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Segregações e interdições também são vividas por eles com muita frequência e sem que estejam disponíveis mecanismos administrativos e legais para enfrentá-las. Mesmo as manifestações de maior intensidade não são estranhas ao universo dessas pessoas. Atos de violência física contra homossexuais são registrados com expressiva frequência no Brasil, inclusive graves espancamentos por indivíduos homofóbicos, além de assassinatos diretamente vinculados à condição homossexual da vítima (ver Prado e Machado, 2012).

Levantamento realizado em 2012 mostrou que ainda existiam países que punem com pena de morte práticas dessa natureza (Zeger, 2016). Até mesmo tentativas de extermínio de homossexuais em determinados contextos sociais já foram registrados na história humana, conforme trouxe Borrillo (2010).

Estudos sobre preconceito no Brasil têm se tornado mais frequentes, mas não se pode dizer que se trate de tema com destaque na literatura disponível nas áreas de Psicologia, Educação, Ciências Sociais e Saúde. Isso é o que mostra, por exemplo, o levantamento feito

por Lima (2013) que buscou por artigos a partir da palavra preconceito realizada na base SciELO ([www.scielo.br](http://www.scielo.br)) em 2008 sendo encontrados 40 artigos, com predomínio de estudos sobre preconceito racial. Especificamente sobre preconceito homofóbico foram constatados apenas 5 artigos. A base SciELO inclui mais de 50 periódicos das áreas acima mencionadas, sendo que cada um deles publica no mínimo 20 artigos por ano, havendo alguns deles que publicam mais de 80 artigos a cada ano.

Lima (2013) informa que idêntico levantamento feito em 2012 localizou 108 artigos, o que mostra crescimento de interesse, ainda que se leve em conta o fato de a base na qual a busca foi feita ter sido ampliada. O autor reconhece o tamanho da dificuldade metodológica implicada na abordagem dessa difícil temática que é o preconceito, questão que já foi objeto de menção em ponto anterior do texto, ressaltando que ele é “algo indesejável, que aparece quase sempre como um problema do *outro*, seja do *outro* vítima, seja do *outro* autor, e raramente do sujeito que fala” (p. 591, *itálicos no original*)

Retornar a um acontecimento de grande interesse histórico pode ser importante para elucidar alguns aspectos desse quadro atual de estudos sobre o preconceito em geral, ainda que o foco mais visível recaísse sobre o preconceito racial e o preconceito étnico. Rossow (2015) aponta a necessidade de recordar que após o término da Segunda Guerra Mundial foram criados órgãos de mediação internacional e ganhou vulto a preocupação com a especificação e a defesa dos direitos humanos (inclusive a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948). Isso contribuiu de forma decisiva para o surgimento de legislações, em diversos países, nas quais as proposições de que as diferenças biológicas entre indivíduos determinariam distintas características psicológicas e culturais foram desautorizadas, estabelecendo-se direitos iguais para todos (Pereira, Torres e Almeida, 2003). O surgimento e a institucionalização de normas que vedam manifestações preconceituosas contra determinados grupos de indivíduos (em especial grupos raciais) é, muito provavelmente fator

inibidor de manifestações explícitas de preconceito. De fato, existem dados que indicam redução de tais manifestações em vários locais (Pereira, Torres e Almeida, 2003; Pereira, Torres, Pereira e Falcão, 2011), ainda que isso diga respeito, primordialmente, a grupos sociais protegidos por norma anti-preconceito ou por ativismo mais influente (homossexuais, mulheres, negros), fruto de discussões em prol dos direitos humanos e garantias sociais ligadas a esses direitos.

As evidências de redução de manifestações preconceituosas, contudo, devem ser vistas com cautela, uma vez que podem estar presentes mudanças nas características de tais manifestações, dificultando comparações cronológicas confiáveis. De fato, como registram França & Monteiro (2004), os estudos sobre preconceito e racismo realizados durante o pós-guerra indicam mudanças na expressão do preconceito. Tais resultados se explicam face às pressões sociais pelo não preconceito e aos princípios da igualdade e da liberdade apregoados pelas democracias liberais, resultando em uma expressão mais sutil e velada do preconceito (Rossow, 2015). Também Lima e Vala (2004) assinalam que nesse novo cenário as formas de expressão do preconceito, referindo-se diretamente ao preconceito racial, sofreram mudanças significativas. Pereira, Torres e Almeida (2003), falando especificamente sobre racismo, mas a partir de raciocínio que se estende a outras modalidades de preconceito, mostram que frente a tal ambiente novo e diante das novas configurações legais, o racismo expressa-se através de estratégias que os grupos dominantes reelaboram para contornar as imposições das normas antirracistas, articulando e justificando sua situação dominante sem violar essas normas de forma contundente. Esses autores assinalam que, “mais grave ainda, e de forma paradoxal, esses grupos têm conseguido implantar processos discriminatórios em nome da defesa da justiça e da igualdade universais”. E acrescentam: “Assim, o preconceito atualmente é constituído por vários discursos que pregam a defesa irrestrita dos valores igualitários do pós-

modernismo e, ao mesmo tempo, opõem-se às políticas sociais coerentes com esses valores” (p. 96).

A visão de que o preconceito pode manifestar-se de forma mais direta ou de forma mais encoberta já estava presente em Allport (1962). Pettigrew e Meertens (1995) também mencionaram o que chamaram de preconceito flagrante e preconceito sutil, assinalando que diferentemente do caráter explícito do preconceito flagrante, o preconceito sutil manifesta-se pela via da defesa dos valores tradicionais, da exacerbação das diferenças culturais intergrupais, da recusa de expressões emocionais positivas em relação aos exogrupos, e pelo uso de argumentação contrária ao recebimento pelos integrantes de tais grupos de benefícios percebidos como imerecidos. Estudos posteriores mantiveram orientação semelhante, mostrando que os componentes dos grupos privilegiados desenvolveram renovadas estratégias de expressão de seu preconceito, cujas formas são mais sutis e veladas (Lima e Vala, 2004), propiciando menção ao que foi designado como “novos preconceitos”. Como se verá a seguir, esses novos preconceitos (em alguns casos referidos como novos racismos) por vezes diferem entre si em aspectos sutis, embora cumpram função social em tudo semelhante. Lima (2013) esclareceu que quando falamos de novas expressões do preconceito, “estamos nos referindo àquelas formas de preconceito condicionadas pela desejabilidade social, que se expressam de modo velado, com vergonha de aparecer no espaço público, se esgueirando pelo espaço privado” (p. 623-624).

Lima (2013) examina a tipologia de novos preconceitos e esclarece que muitas das novas proposições visaram aspectos particulares dos preconceitos étnicos e raciais. São mencionados por esse autor novas denominações de preconceito, que podem ser vistos como subtipos de preconceito velado. São exemplos: a) preconceito simbólico, no qual o preconceito é visto como ausente, havendo sim necessidade de respeitar a organização social tradicional na qual cada grupo deve conhecer seu lugar; b) preconceito ambivalente, quando

está presente um conflito de valores com o qual às vezes há dificuldade de lidar, tal como valorização, por um lado, de igualitarismo e democracia, mas por outro valorização também de individualismo e liberdade pessoal, do que pode resultar, em circunstâncias específicas, prática discriminatória. No presente estudo, entende-se que considerar apenas a noção de preconceito sutil ou velado, além do preconceito flagrante, evidentemente, é adequado, até por ser provável que os dados obtidos por meio de entrevistas com alvos potenciais de preconceito sejam insuficientes para caracterizar preconceito simbólico ou ambivalente.

Possivelmente pela preocupação de enfatizar o caráter agressivo e manifesto das ações homofóbicas que ocorrem com frequência expressiva na realidade brasileira, Lima (2013) chamou a atenção para o fato de ainda não existirem novas expressões de preconceito contra os homossexuais (seu texto também menciona os ciganos), em relação aos quais o preconceito ainda se expressa de modo violento e aberto. Tal proposição, no entanto, é questionável, inclusive a partir dos resultados de alguns estudos realizados no Brasil sobre preconceito contra homossexuais.

Um exemplo que pode ser citado é o de estudo realizado em João Pessoa (PB) por Lacerda, Pereira e Camino (2002) com o objetivo de verificar a relação entre a representação social do preconceito contra homossexuais e a explicação sobre homossexualidade com a qual concordavam. Em tal estudo foram obtidos resultados semelhantes aos do estudo de Pettigrew e Meertens (1995), tendo sido identificadas formas flagrantes e sutis de expressão do preconceito. Os resultados encontrados por Lacerda, Pereira e Camino (2002) revelaram que os preconceituosos flagrantes exprimem rejeição à proximidade e expressam mais emoções negativas do que positivas em relação aos homossexuais. Já os preconceituosos sutis exprimem menos rejeição à proximidade e menos emoções negativas do que os preconceituosos flagrantes, todavia não expressam mais emoções positivas. Ficou evidenciado também que os preconceituosos flagrantes compartilham crenças ético-morais e

religiosas em relação à homossexualidade, os preconceituosos sutis ancoram-se em crenças de base biológica e psicológica, enquanto os não preconceituosos baseiam-se em fatores psicossociais. Assinala-se aqui que Gouveia, Athayde, Soares, Araújo e Andrade (2012) também verificaram que valores normativos, como religiosidade e obediência, mostraram-se negativamente correlacionados com a motivação interna para proceder sem preconceito em relação a homossexuais. Outro destaque dos resultados encontrados por Lacerda, Pereira e Camino (2002) está relacionado ao tipo de preconceito manifestado considerando a pertença grupal dos participantes. Os estudantes de engenharia civil apresentaram-se como mais preconceituosos flagrantes, representando a homossexualidade a partir de crenças ético-morais e religiosas. Os estudantes de medicina expressaram maior preconceito sutil, recorrendo a crenças sobre a homossexualidade associadas a uma suposta fundamentação em aspectos biológicos. Os estudantes de psicologia se enquadraram com maior frequência no grupo dos não preconceituosos, baseando suas concepções no fato de acreditarem na natureza psicossocial da orientação sexual.

Também fora da realidade brasileira foram encontradas evidências de que as formas de expressão do preconceito contra homossexuais podem variar em termos de apresentar-se tanto de forma aberta como encoberta. Um exemplo é o estudo desenvolvido na Espanha com estudantes de psicologia (Castillo, Rodríguez, Torres, Perez e Martel, 2003) que utilizou técnicas complementares de obtenção de dados, e constatou que é possível falar em modalidades de manifestações homofóbicas similares às que se verificam no caso do racismo, ou seja, tanto manifestações abertas e diretas, como aquelas sutis e disfarçadas.

## ***2.2. Homossexualidade masculina: algumas considerações***

A sexualidade humana é uma dimensão da experiência social cujo desenvolvimento contribui diversos fatores, e que se caracteriza como um elemento determinante na constituição dos sujeitos. É uma dimensão marcada por tabus e interdições nas mais diversas sociedades humanas. É parte de tal realidade a formação do preconceito e a hostilidade contra homossexuais que, como também ocorre com outras modalidades de preconceito, atua como um importante mecanismo de manutenção de hierarquias sociais (morais, econômicas, políticas, raciais, de gênero), que é também identificado como homofobia. Prado e Machado (2012) assim se manifestaram sobre o assunto:

Em nossa sociedade, a não heterossexualidade foi gravemente condenada pelo discurso hegemônico que, influenciado pelo discurso religioso e médico-científico, legitimou instituições e práticas sociais baseadas em um conjunto de valores heteronormativos, os quais levaram à discriminação negativa e à punição de diversos comportamentos sexuais, sob a acusação de crime, pecado ou doença (p. 12).

De forma compatível com a perspectiva anteriormente apontada, Alexandre, Lima e Galvão (2014) assinalaram que, “historicamente, a homossexualidade, como categoria social, assumiu diversas representações e, por conseguinte, foi construída, identificada e significada de modos distintos, dependendo das exigências e da realidade socioeconômica, histórica e política de cada época” (p. 133). Nem sempre foi assim, uma vez que existem registros de que em períodos remotos de sociedades humanas bem conhecidas, relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo não eram, necessariamente, percebidas sob a mesma ótica de relações problemáticas ou inaceitáveis. As autoras acima citadas acrescentam que:

A partir do século XIX, com a ascensão do discurso médico-psiquiátrico, essas relações passaram a ser vistas como uma patologia dentro do espectro da anormalidade. Desde então, diversos outros discursos, como o médico-científico, o

religioso, o psicanalítico, também tentaram abordar o tema homossexualidade, buscando identificar causas e apresentar explicações que legitimem ou não essa condição existencial (p. 133).

Sousa Filho (2009) buscou o entendimento do termo “orientação sexual” com abrangência que estendesse os limites de perspectivas biologizantes e psicologizantes, de forma a destacar a importância do uso crítico do conceito. Trata-se de conceito proposto na década de 1980 como ferramenta de contestação e de estudo transformador da concepção da homossexualidade estigmatizada como “doença” e “inversão sexual”, em substituição aos termos “opção sexual” e “preferência sexual”. A adequação de tal termo contribuiu para a consolidação de seu uso, revelada no Brasil pela sua presença em programas sociais do Ministério da Saúde (ainda que tenha produzido reações de determinados setores), na série de fascículos *Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares*, do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE). Em tal documento consta que “a orientação sexual é uma atração espontânea e não influenciável que só pode ser conhecida plenamente pelo indivíduo que a vivencia. É, portanto, um equívoco dizer que se trata de uma opção sexual, pois não depende de escolhas conscientes nem pode ser aprendida.” (Brasil, 2011, p. 15)

Em estudo realizado sobre preconceito contra homossexuais com universitários sergipanos, Souza, Faro, Silva e Teixeira (2012) assinalaram que o entendimento de que o modo de se relacionar heterossexual é o “correto”, em detrimento das relações entre pessoas homossexuais, caracteriza a heteronormatividade. A heteronormatividade foi e continua a ser vivida por grande parte das pessoas em quase todos os locais como prática absolutamente natural, algo que não poderia ser diferente sob qualquer argumento, não apenas porque as tradições culturais e as condições apropriadas para sua manutenção inalterada permanecem vigentes, mas também porque a evidência da interação sexual como condição reprodutiva tem

muito peso, ampliado pelo caráter científico da biologia e pelo caráter moral da proposição religiosa. Só em período mais recente foi possível admitir que a constituição da sexualidade envolve processos psicossociais, não decorrendo de forma automática e inequívoca da herança biológica, o que dependeu de resultados de pesquisas e de divulgação desse conhecimento ao público em geral. O humor popular que explora as “incongruências” dos homossexuais (especialmente dos homens) é um exemplo de mecanismo apoiado na heteronormatividade. Trindade e Nascimento (2004) registraram, na mesma linha de argumentação, que duvidar de maneira jocosa da heterossexualidade de colegas “é prática lúdica bastante difundida entre os brasileiros, inseridos em uma cultura na qual o modelo de masculinidade tradicional parece ser ainda bastante persistente” (p. 150).

Compreender o fenômeno do preconceito contra homossexuais como algo emaranhado nas relações humanas, com elementos complexos em sua origem, é empreendimento que envolve muitos passos. A presente pesquisa pretende ser mais uma colaboração em tal tarefa, buscando dados de interesse para o assunto em associação com o tema do envelhecimento. Existe uma carência de estudos conduzidos em perspectiva microssocial que permitam a compreensão de como mecanismos discriminatórios se perpetuaram, resultando daí a continuidade de polarizações em uma sociedade como a brasileira, apesar da aparente fluidez das relações sociais que nela se desenvolvem.

Entre os estudos disponíveis com as características acima mencionadas podem ser apresentados alguns em que a busca pela identificação e análise de qualquer tipo de processo discriminatório e preconceituoso sofrido no decorrer da vida em consequência de orientação sexual, foi feita a partir de entrevistas com participantes homossexuais.

Em relação ao preconceito e à discriminação, a pesquisa realizada por Rabelo e Nascimento (2013), buscou ampliar a compreensão de aspectos do cotidiano de homens homossexuais em uma cidade com mais de trezentos mil habitantes situada no interior de

Minas Gerais (os pesquisadores adotaram a identificação “homens homoafetivos”), aspectos entre os quais se destacam a descoberta da orientação sexual, as características dos relacionamentos vividos, e as estratégias de enfrentamento do preconceito que adotaram quando necessário. Neste caso, foi constatado que os entrevistados (todos adultos jovens, entre 20 e 32 anos, com curso superior concluído ou em andamento) assumem permanentemente a postura de ocultar a homossexualidade como estratégia usada para convivência social com os heterossexuais. Tal procedimento está vinculado a processo de diferenciação social em relação tanto ao grupo heterossexual como ao grupo de homossexuais que se comportam de forma afeminada, como os próprios entrevistados descreveram, indivíduos esses por eles avaliados de forma bastante crítica e desaprovadora.

Também relacionado ao mesmo universo temático mencionado no parágrafo anterior pode ser apontado o estudo de Souza e Pereira (2013), no qual é considerada a discriminação de homossexuais pelos próprios homossexuais nas relações de trabalho. O estudo foi realizado com oito trabalhadores homossexuais de empresas públicas e de economia mista do setor de serviços, com idades entre 41 e 53 anos, seis deles com curso superior completo. Os autores postulam que, para os homossexuais, há um importante fator relacionado com a satisfação no trabalho, que é o grau de abertura que a organização adota em relação às características da sua sexualidade. Os entrevistados admitiram que há discriminação por parte deles próprios em relação aos homossexuais com características afeminadas. De forma coerente com tal visão, os entrevistados afirmaram que evitam manifestações afeminadas para serem aceitos sem restrições no trabalho e assim diminuïrem atitudes discriminatórias e preconceituosas.

Pode ser citado o assunto da adoção de crianças por homens homossexuais que ainda hoje é suscitador de polêmica e a respeito do qual registra-se aqui o estudo de Amazonas, Veríssimo e Lourenço (2013). Em tal estudo ficou evidenciado que para tornarem-se pais os

homossexuais participantes da pesquisa se valeram de todo tipo de estratégias, que variaram do enfrentamento das dificuldades potenciais declarando sua orientação afetivo-sexual, até o ocultamento de tal condição, com a finalidade de atenuar conflitos na vida familiar e social.

Um estudo de Madureira e Branco (2007) abordou o que os autores denominaram identidades sexuais não-hegemônicas, ou seja, aquelas que diferem do modelo predominante, que é aderente à regra da heteronormatividade, daí ser hegemônico. Tal estudo buscou analisar a construção das identidades dos investigados, desvendando estratégias pessoais e coletivas usadas no dia-a-dia para lidar com o preconceito e a discriminação. Foi visto que tais estratégias são essenciais para conduzir as maneiras como os (as) participantes vivenciam as suas experiências homoeróticas, bem como se posicionam em suas relações sociais e em relação a eles próprios.

Outro aspecto de interesse do presente estudo é o da vivência de eventuais alterações no conjunto das relações sociais ao longo das diferentes etapas de vida de homossexuais idosos. Tal interesse só pode ser contemplado quando o grupo estudado for composto por idosos, condição que faculta a obtenção de conhecimento sobre práticas de convivência adotada em todas as etapas da trajetória de vida, lançando luz sobre transformações sociais eventualmente identificáveis que acompanharam e interferiram em tais práticas. Um exemplo de estudo desse tipo é o de Santos e Lago (2013), no qual foram enfatizados os processos de resistência e de ressignificação face aos modelos hegemônicos que dão contornos à velhice e à homossexualidade. Os autores descreveram e discutiram alguns modos possíveis de estilização da experiência de envelhecimento e do homoerotismo, revelados nas narrativas dos entrevistados. Constatou-se que essas narrativas apresentadas por participantes que foram abordados em um local de lazer frequentado principalmente por homossexuais não muito jovens, são direcionados para uma possível ética do envelhecimento, como os pesquisadores

concluíram, a partir da qual os sujeitos podem conduzir, e (re)inventar a vida, o corpo e o desejo.

Investigação de grande amplitude, cujo interesse para a presente pesquisa é central, foi realizada por Mota (2014). Em tal estudo, publicado como livro, o autor dirigiu seus focos de interesse para: a) as experiências dos 15 homens idosos entrevistados (com idades entre 60 e 78 anos) de descobrirem-se e assumirem-se homossexuais em contexto de heteronormatividade que poderia, considerando a época em que o viveram, ser classificado como absoluto; b) o envelhecimento e seus reflexos nas condições atuais que vivem quanto à sociabilidade e à saúde. Mesmo não estando no núcleo principal da investigação o fenômeno do preconceito, suas manifestações são reconhecíveis em diversos momentos das entrevistas.

Considerando o conjunto de informações apresentado nos parágrafos precedentes, fica evidente a possibilidade de que homossexuais, inclusive homossexuais idosos, vivam uma permanente preocupação de construir e preservar uma condição de invisibilidade de sua orientação sexual. Essa invisibilidade é característica que dificulta a realização de investigações com esse grupo, inclusive investigações sobre a vivência de preconceito. Nos estudos sobre preconceito que se valem de narrativas de homossexuais é possível até mesmo pensar no risco de resultados com validade questionável, uma vez que a invisibilidade cotidianamente produzida pode funcionar como condição protetora que minimiza as chances do indivíduo ser surpreendido como alvo de manifestações homofóbicas. Em tais casos, respostas sinceras que negam experiências de enfrentamento de preconceitos podem não representar a condição mais tipicamente vivida por muitos homossexuais.

A proposta constante da presente pesquisa foi de um estudo que teve de enfrentar as dificuldades aludidas, uma vez que a pretensão foi a de verificar, a partir de relatos de homossexuais masculinos com mais de cinco décadas de vida, como perceberam e lidaram com situações nas quais, em seu entendimento, foram tratados de forma preconceituosa.

Interessou saber ainda se tais situações foram mais comuns e mais acentuadas em determinada época de suas vidas. Parte-se da convicção de que pessoas com as mencionadas características são os informantes mais qualificados para contribuir com dados significativos, considerando a natureza da pesquisa. É importante mencionar ainda a realidade de poucos estudos empíricos realizados no âmbito da Psicologia sobre o tema, em especial de estudos com dados coletados diretamente com a população homossexual, como evidenciam Alexandre, Lima e Galvão (2014) na revisão de literatura que realizaram. Essa mesma revisão não faz qualquer menção à existência de investigações, no terreno da psicologia, com homossexuais masculinos idosos, o que reforça a importância de dar voz a tal segmento social. Acrescenta-se que Paiva (2009) já havia alertado acerca do silêncio dos estudos sobre o envelhecimento homossexual no Brasil, destacando ainda o grande desafio dos estudos que buscam lidar com aspectos geracionais relativos aos arranjos familiares, parentais e conjugais dos indivíduos que vivem nas condições LGBTs.

### **3. OBJETIVOS**

#### ***3.1. Objetivo Geral***

Investigar como homossexuais masculinos idosos interpretaram e se portaram em situações nas quais se perceberam alvo de preconceito – situações essas que, possivelmente, tiveram a oportunidade de vivenciar em diferentes momentos de suas trajetórias de vida.

#### ***3.2. Objetivos específicos***

- Conhecer a diversidade de experiências relacionadas ao preconceito na trajetória de vida de homens homossexuais idosos e a natureza dos contextos de sua ocorrência;

- Identificar e descrever as estratégias utilizadas pelos entrevistados para lidarem com as diversas situações nas quais acreditam terem sido discriminados, considerando o contexto de ocorrência: nas relações familiares, escolares, amorosas, profissionais, e nos momentos de lazer e interação social.
- Verificar se experiências de preconceito em diferentes contextos geraram, na história de vida dos participantes do estudo, predominância de estratégias de confronto (reagir, discutir, argumentar, retrucar, ironizar, desqualificar, contrapor-se fisicamente de forma defensiva ou retaliadora) ou de evitação (ignorar, fingir não perceber, reduzir a chance de detecção de sua condição, esquivar-se dos contextos de risco).

#### **4. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA: contexto de realização da pesquisa**

##### ***4.1.1. Fontes de dados***

O conjunto de dados foi composto pelas transcrições de seis entrevistas com homossexuais masculinos de idades entre 55 e 62 anos ( $M= 58,1$  anos), residentes na região da Grande Vitória, cujas características profissionais os situam no âmbito da classe média. Os participantes foram contatados, a partir da técnica “bola de neve”, na qual um entrevistado, após ter participado, conhecido o teor da entrevista e as características demandadas dos participantes, é convidado a indicar – eventualmente, até mesmo contatar e/ou autorizar contato em seu nome - pessoas de seu conhecimento que poderiam participar e contribuir com o estudo. O primeiro participante foi convidado a partir de contatos da pesquisadora. Todas as entrevistas foram conduzidas diretamente pela pesquisadora, estando presentes somente ela e o entrevistado, com exceção de uma única situação em que esteve presente um terceiro indivíduo (amigo do entrevistado).

Destaca-se a abordagem qualitativa utilizada na presente pesquisa para possibilitar a compreensão dos comportamentos, sentimentos e experiências dos participantes diante da interpretação do pesquisador, conforme preconizam autores que se dedicaram a tal abordagem, como, por exemplo, Minayo (2007).

#### ***4.1.2. Os senhores protagonistas***

Os entrevistados serão apresentados na sequência da presente seção, com nomes fictícios, na ordem em que ocorreram as entrevistas. Os nomes escolhidos para cada um foram emprestados de homens homossexuais com destaque em suas áreas de atuação e que, em alguns casos, contribuíram para o conhecimento sobre a condição homossexual e para a discussão de suas implicações sociopolíticas na vida de indivíduos homossexuais.

Os relatos obtidos no decorrer do trabalho constituem frutos de reflexões direcionadas pelas questões apresentadas, como relataram os próprios entrevistados, que admitiram que nunca haviam verbalizado determinadas histórias de suas vidas, envolvendo sentimentos e acontecimentos, principalmente para alguém estranho ao seu círculo de movimentação social. Nesse sentido, a pesquisadora torna-se confidente de tais narrativas por vezes tão íntimas, sob a condição de sigilo e anonimato. De certa forma, a obtenção de tais narrativas também pode ser reveladora da seriedade com que é percebida a pesquisa em instituição que construiu e conserva credibilidade, como é o caso das universidades.

Diante das entrevistas, foram sendo traçados paralelos das narrativas desses senhores, através das lembranças historicizadas para retratar acontecimentos do passado nas relações familiares, de trabalho e amizades deles, além de possibilitar retratar aspectos de sua geração.

**Pasolini**, o primeiro entrevistado, 57 anos, solteiro, reside sozinho, é natural do Espírito Santo, com formação e atuação profissionais nas áreas de ciências sociais e artes, mas no momento exercia um cargo importante em um órgão público do Estado. O contato da pesquisadora com ele se deu por intermédio de uma colega pessoal que tem proximidade com o mesmo. Foram explicados a ela o tema e os objetivos da pesquisa, a partir de então ela prontificou-se repassar as informações obtidas ao Pasolini e fazer o convite para a entrevista, tendo em vista o fato da dificuldade inicial de obtenção de entrevistados. Aceito o convite, a pesquisadora foi recebida no local de trabalho dele, em horário previamente acordado com seu assessor.

Este participante concedeu a entrevista de mais longa duração (em torno de uma hora e meia) e posteriormente, quando da realização de outra entrevista com um amigo indicado por ele no mesmo local de trabalho de ambos, o participante solicitou novo contato para complementar trechos que ele julgava não terem ficado bem esclarecidos. A nova conversa durou por volta de trinta minutos, sem necessidade de gravação, em seu entendimento (que foi respeitado), tendo sido feitas apenas anotações a partir do que estava sendo falado.

O participante quando jovem resolveu ir para um seminário no interior de São Paulo. Tomou a decisão sozinho, vendo-a como possibilidade de acesso ao conhecimento e válvula de escape, mas reconhece que sua mãe o incentivou, discretamente, para não contrariar o marido. O entrevistado considera que foi um passo importante na vida, pois afirma que pode encontrar pessoas iguais a ele próprio. Foi vítima de agressões, tendo sofrido um episódio de estupro, vivenciou preconceito na família e pensou em suicídio antes de ir para o seminário, pois se via sem saída.

Além disso, um ex-companheiro seu agiu durante quatro anos no sentido de desqualificá-lo e reduzir sua auto-estima, (ou “desconstruí-lo como pessoa”, nos termos do entrevistado) o apontando defeitos sempre, como forma de justificar, algum tempo depois, o

fim do relacionamento deles e também anunciar que havia comprado um apartamento com o dinheiro que juntou enquanto estavam juntos, sem Pasolini saber. Diante desse fato, o participante sentiu-se desprotegido legalmente, pois não achava que seria amparado e desconhecia a existência de caminhos viáveis para recorrer com o objetivo de também ter direito ao imóvel. Por seu interesse por poesia, cultura e por ter se referido na entrevista ao cineasta, poeta e escritor italiano Pier Paolo Pasolini o participante é identificado no texto com o nome-homenagem Pasolini.

**Elton**, 62 anos, é músico profissional, mora sozinho e é solteiro. Pessoa muito extrovertida, cujo encontro com a pesquisadora foi marcado por risadas e descontrações por parte do entrevistado. Não obstante, ele alegou que sempre foi muito discreto em relação à homossexualidade, tanto por este ser seu jeito, quanto pelo fato de ser pessoa pública devido à sua profissão. A entrevista ocorreu em uma sala no seu local de trabalho.

Afirmou que nunca sofreu preconceito nem na família, nem com amigos e nem com outras pessoas, mas também nunca achou necessário contar para os pais que ele é homossexual. Relatou ainda que já se envolveu com muitas mulheres, inclusive mantendo relações sexuais, mas que nunca chegou a amar uma mulher. Além disso, teve um companheiro durante 10 anos, que apresentava para a família como sendo um amigo, muito embora imaginasse que a família soubesse que eles eram mais que amigos.

Mencionou que a escolha da profissão de músico gerou problemas na família, pois o pai era advogado e queria que ele trabalhasse no escritório que tinha, mas Elton falou que iria correr atrás do sonho de estudar música. Atualmente, o pai orgulha-se do filho ter se tornado um músico renomado. Assim como o primeiro entrevistado, este disse que era a primeira vez que falava sobre tal assunto para uma pesquisa. Pela sua ligação profissional com a música,

sua identificação no texto homenageia o consagrado músico britânico Elton John, que tem 68 anos de idade.

**Amácio**, 57 anos, funcionário público, com bacharelado e licenciatura em artes visuais, além de uma especialização na mesma área. Está solteiro e mora com os pais. O contato com ele deu-se por indicação do primeiro participante, pois eles são colegas de trabalho e a entrevista ocorreu na mesma sala da instituição em que ambos trabalham. Quando perguntado sobre como começaram suas experiências homossexuais, o entrevistado mencionou um fato ocorrido na infância com um grupo de colegas um pouco mais velhos, ocasião em que os mesmos tiveram interações homossexuais. No entanto, não deixou claro que tipo de contato foi este, passando a considerar que somente na vida adulta ocorreu a iniciação sexual propriamente dita.

Ao narrar as histórias vividas, o participante muitas vezes não contava com detalhes ou com clareza os acontecimentos, deixando frases inacabadas em um relato que dificultava solicitações de esclarecimento. Amácio destacou a importância da educação do cidadão como processo essencial para reconhecer o outro, incluindo os homossexuais, como pessoa plena de direitos e não como coisa ou objeto. Ao dizer que se for fazer uma análise e uma comparação de quando era criança e como é hoje, afirma que algumas coisas permanecem do mesmo jeito, ou que pouco mudou, já que a sociedade não se alterou.

O nome fictício escolhido para o entrevistado é uma homenagem a Amácio Mazzaropi, conhecido ator e cineasta brasileiro, falecido em 1981. A condição de homossexual do mencionado cineasta nunca foi objeto de grande difusão, mas há registro de que ele sofreu muito com o preconceito na época em que homossexualidade ainda era considerada uma doença e/ou distúrbio, assim como o entrevistado, que relatou ter sofrido muito preconceito. Além disso, a semelhança entre ambos inclui o interesse na carreira

artística, pois no início da conversa o entrevistado contou que em Vitória é difícil sobreviver de arte e apenas faz trabalhos esporádicos, passando a sobreviver, fundamentalmente, como funcionário público.

**Luiz**, 58 anos, também solteiro, atualmente professor universitário aposentado, é amigo particular do segundo participante e foi por ele indicado. Inicialmente, mostrou resistência a participar, mas afinal aceitou sob condição de que não fosse algo demorado. O encontro foi marcado e ocorreu de forma que, ao final, o próprio entrevistado comentou que o tempo passou rápido e ele nem percebeu, fazendo ainda elogios à relevância da pesquisa.

A conversa realizou-se na sala de trabalho de Elton e este esteve presente em praticamente toda a entrevista, por escolha do entrevistado que afirmou nada ter a esconder dos amigos. Luiz é o único participante do estudo que tem um filho adotado, criado por ele desde criança, e que tem atualmente 26 anos. Pai e filho moram juntos. No início da entrevista, ele comentou que esta criança, na época com 8 anos de idade, fora abandonada pelos pais e mesmo criada por um homossexual (referindo-se a si mesmo) não “pegou trejeitos” - expressão transcrita de sua fala. Luiz afirmou que desde o primeiro dia de convivência com o, então, garoto é chamado de pai.

Luiz também comentou sobre a AIDS, doença cuja transmissão, inicialmente, foi divulgada como restrita ao conjunto de indivíduos homossexuais. Contou alguns episódios de preconceito já vivenciados em algumas fases da vida, nos contextos da própria família e da escola, mas esclareceu que nunca se sentiu discriminado em qualquer ambiente de trabalho. Por ser o entrevistado professor universitário é identificado no texto pelo nome-homenagem Luiz, em referência a Luiz Pereira, professor e doutor em Sociologia na Faculdade de Filosofia da USP, falecido em 1985, que muito contribuiu com sua área de conhecimento.

**Robert**, o participante mais novo da pesquisa, com 55 anos, já estava aposentado da polícia civil há mais de um ano quando a entrevista aconteceu. Tem formação superior em uma área das ciências humanas. É natural de outro estado, mas desde criança mora no Espírito Santo. A entrevista realizou-se em dia e horário acordados, em uma sala do prédio sede do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES (Edifício Professor Lídio de Souza).

Robert, em seu relato, destaca muito o quanto a sua família e ele eram ligados à Igreja Católica, principalmente na época da sua infância, quando foi coroinha. Em sua fala, resgatou um fato, para exemplificação, que é o de ter sentido uma ligação afetiva muito forte com um jovem padre espanhol que foi residir na cidade na qual ele morava, pois o mesmo tinha muita facilidade para conduzir brincadeiras e muita afinidade com as crianças da cidade, ressaltando que não havia qualquer conotação sexual, nem qualquer relação física. No entanto, após um ano, quando o mencionado padre teve que deixar a paróquia e foi embora para outra cidade, Robert sentiu que foi uma perda muito grande e contou que chorou bastante por causa disso, como mostra o trecho que se segue, transcrito de seu relato:

*Ele (o padre) ficou um ano lá e de repente teve que ir embora porque essas coisas de igreja. Eu lembro que eu chorava muito, aquele choro assim que parece que eu tinha perdido uma pessoa. Foi a primeira sensação de perda que eu tive. Eu não tinha noção que fosse nada homossexual não, até porque ele não tinha nenhuma relação com isso.*

Em seguida, Robert se remete ao momento que ele e um dos seus irmãos, quando crianças, foram vítimas de pedofilia, caracterizada pela ação de um rapaz mais velho que aliciava meninos e meninas para ter contato físico. O participante, porém, não tem lembranças de ter havido relações sexuais com esta pessoa.

Sobre o preconceito por ser homossexual, ele disse que reprimiu a homossexualidade até por volta dos 18 anos, justamente por saber que existiam pessoas que sofriam muito

preconceito em sua cidade. Relatou que, sendo assim, não sabia o que fazer com a sua condição de homossexual, vivendo também pressão em casa pela expectativa de interesse por meninas, se forçando a ter desejo por elas. Teve uma namoradinha e ficou apaixonado quando tinha uns 12 anos. No entanto, como sempre foi muito reprimido, começou a fazer uso de bebida alcoólica para se liberar, mas já quando estava namorando pela primeira vez um rapaz, aos 19 anos de idade. Há 15 anos mantém relacionamento com um parceiro, com quem chegou a coabitar por algum tempo. Hoje, não mais moram juntos, mesmo mantendo o relacionamento, uma vez que, afirmou o entrevistado, não tem vontade de casar.

O participante relatou diversos exemplos de manifestações preconceituosas que pessoas próximas a ele sofreram. Por mencionar que a homossexualidade não é uma doença e nem uma opção, pois se fosse ele não optaria por ela, já que sabia que sofreria preconceito, é identificado no presente estudo como Robert em homenagem ao médico psiquiatra Robert Spitzer, nascido em Nova Iorque, cujos estudos invalidaram a concepção, corrente na década de 1970 (quando foram conduzidos seus estudos), de que a homossexualidade era uma doença (concepção essa que ainda hoje não está extinta).

**Darcy**, 60 anos, é artista, e é o único dos entrevistados que não concluiu o terceiro grau, tendo iniciado um curso na área de ciências sociais. Ele já começou a entrevista mencionando ter um relacionamento estável há 30 anos, morando junto com o companheiro desde o dia em que se conheceram. O encontro ocorreu no apartamento dele, localizado em bairro nobre da cidade de Vitória-ES. O lugar é o mesmo em que funciona seu ateliê, no qual também ministra aulas. Dispõe de uma segunda residência em outra cidade, e divide seu tempo passando alguns dias em cada uma das cidades.

Disse ainda que por muitos anos morou somente no Rio de Janeiro, local em que trabalhou e onde o seu companheiro também desenvolveu sua vida profissional. É natural de

cidade do interior do Estado do Espírito Santo. Tem irmãos, que são/foram todos profissionais do mesmo setor que ele, que é o setor para o qual o pai preparou os filhos, ainda que ele próprio tivesse outra atividade. Algo que o entrevistado conta com muito orgulho foi o fato de ter se aposentado em função gerencial importante, pois sempre quis ser bom no que fazia. Considera que essa conquista foi fruto de reconhecimento dos outros pela dedicação dele.

No momento da entrevista, o companheiro de Darcy estava dormindo no único quarto do apartamento, mas quase ao final ele apareceu, acendeu um cigarro e ficou conosco por um tempo na sala de estar. Há cerca de seis anos eles firmaram o contrato de união estável. No início do relacionamento, o companheiro foi apresentado para a sua família como sendo um amigo com o qual dividia apartamento. O participante, em determinado ponto de sua fala, especulou a respeito de não ter sido vítima da AIDS por ter parceiro fixo há muito tempo, condição vista por ele como redutora da chance de contrair doença.

Darcy afirma que não vivenciou episódios de preconceito e nem conhece casos de pessoas próximas a ele que tenham passado por episódios desse tipo, embora esteja informado e reconheça que existem muitos casos de pessoas assassinadas que foram vitimadas em contextos nos quais está presente o preconceito contra homossexuais.

O entrevistado, narra prazerosamente a forma carinhosa e amorosa com que suas alunas o tratam, bem como os maridos e familiares delas. Darcy percebe a situação como similar a uma grande família, tendo em vista que seu grupo de amizades mais próximo é formado por pessoas heterossexuais não preconceituosas.

Por seu talento e por sua atuação como professor de arte, esse participante é identificado no texto como Darcy, em homenagem a Darcy Penteado que, dentre várias ocupações, foi um pintor paulista, pioneiro militante dos movimentos LGBT brasileiro e um dos fundadores do jornal Lampião (originalmente Lampião da Esquina), dirigido ao público gay, editado em São Paulo por quatro anos, até 1981.

#### ***4.2. Procedimento de coleta dos dados***

O procedimento adotado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, apoiada em roteiro elaborado especialmente para a investigação (disponível para consulta no Apêndice A). Há um bloco inicial de questões que solicitam informações sócio-demográficas. A seguir, aparecem questões que solicitam descrições de episódios em que os entrevistados sentiram-se alvo de preconceito, em diferentes momentos de suas vidas, em quaisquer contextos, como, por exemplo, na família, na escola, no trabalho, nas situações de lazer, incluindo informações sobre comportamento adotado em cada caso. Em alguns pontos o roteiro foi adaptado da pesquisa *Sendo o que se pode ser: vivência do preconceito, ocultamento e contração da identidade para homens homoafetivos* (Rabelo, 2009).

As entrevistas foram individuais, integralmente gravadas em áudio e realizadas em algum local previamente acordado, no qual o participante que se disponibilizou a colaborar com a pesquisa e com a entrevistadora sentia-se confortável para se expressar. As quatro primeiras entrevistas foram feitas nos locais de trabalhos dos participantes, a quinta entrevista aconteceu nas dependências da Universidade Federal do Espírito Santo e a última entrevista foi realizada na residência do próprio entrevistado.

#### ***4.3. Análise dos dados***

Após conclusão das entrevistas os relatos foram transcritos na íntegra, mantendo-se as gírias ou expressões utilizadas pelos participantes. As questões abertas foram tratadas segundo a Análise de Conteúdo Categórica (Bardin, 2011), de forma concordante com alguns autores que apontam que os estudos sobre as sexualidades, e especificamente a homoafetividade, que envolvem entrevistas semiestruturadas, tendem a utilizar a análise de

conteúdo, justificando tais escolhas metodológicas por privilegiarem a experiência dos participantes, dessa forma dando espaço às vozes que possam estar suprimidas pelo contexto em que vivem (Denzin & Lincoln, 2006; Amazonas, Veríssimo & Lourenço, 2013).

De início o material foi lido exaustivamente com a finalidade de obter elementos para construir categorias de análise sensíveis às convergências e divergências entre os participantes. Estes participantes estão identificados com nomes fictícios a fim de garantir seu anonimato. A organização dos dados obtidos resultou na proposição de três amplos blocos temáticos já constantes do roteiro de entrevista, uma vez constatado que tal forma de agrupamento refletia com propriedade o conteúdo das falas dos participantes.

O primeiro grande bloco englobou a admissão da orientação sexual, a relação com familiares e amigos, além das principais atividades de lazer dos entrevistados. Em tal bloco, ainda que se configure certa ênfase nas fases iniciais da vida, também estão em jogo outros momentos, inclusive aspectos da sociabilidade atual vivida pelos entrevistados.

O segundo bloco abrangeu situações nas quais estava caracterizada a percepção de preconceito e discriminação, bem como as estratégias utilizadas pelos entrevistados para lidarem com as diversas situações nas quais acreditam terem sido discriminados, considerando o contexto de ocorrência: nas relações familiares, escolares, amorosas, profissionais, e nos momentos de lazer e interação social. Este bloco temático pode referir-se a qualquer etapa da vida dos entrevistados.

No terceiro grande bloco estão incluídas eventuais reavaliações das estratégias utilizadas que os participantes manifestaram sobre redução ou acirramento do preconceito na sociedade brasileira.

#### ***4.4. Aspectos Éticos***

O projeto foi elaborado seguindo às normas do Conselho Nacional de Saúde com base na Resolução n.466/2012 e encaminhado, após aprovação por banca examinadora, ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Espírito Santo para avaliação, com CAAE de número: 49005915.2.0000.5542. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) foi entregue em duas vias aos participantes e estes puderam, voluntariamente, manifestar seu consentimento em participar assinando o citado documento. Os critérios de anonimato e segurança dos dados foram respeitados, assegurando o compromisso ético da pesquisa em tais aspectos. A natureza da pesquisa permite afirmar que é muito improvável qualquer risco aos participantes decorrente do estudo.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os participantes que contribuíram para a realização da presente pesquisa muito provavelmente passaram por situações de preconceito e discriminação no decorrer de suas vidas, que se estendem por mais de cinco décadas. Ao narrarem aspectos de suas trajetórias, como momentos envolvendo situações familiares, no trabalho e nas amizades, eles puderam abordar vivências relacionadas ao preconceito por serem homossexuais. Para a geração deles, independentemente da condição socioeconômica e da escolaridade, é elevada a probabilidade de terem experienciado situações que variam do preconceito declarado ao preconceito sutil e velado.

Não é possível identificar aspectos que permitam propor qualquer tipologia entre os entrevistados. Todos têm idades muito próximas. Todos são profissionais com carreiras consolidadas (alguns já aposentados), têm nível superior de formação com exceção do Darcy. Quatro estão na condição de solteiros (Pasolini, Elton, Amacio e Luiz) e dois têm

companheiros em relacionamentos fixos de longa duração (Robert, relacionamento de 15 anos; Darcy, relacionamento de 30 anos), mas não há relação constatável entre tais condições e o padrão de respostas fornecidas. Todos se identificaram como pessoas discretas, de forma que sua condição homossexual não é perceptível a qualquer pessoa em um primeiro olhar. Nenhum dos participantes foi casado com mulheres. Os entrevistados não têm filhos biológicos (Luiz tem um filho adotado quando tinha oito anos, que hoje é um adulto heterossexual). Seus relatos incluem temas em relação aos quais há grande concordância, mas também foram mencionados assuntos em relação aos quais existem discrepâncias notáveis. Uma única entrevista resultou em narrativa que difere das demais pelo fato de ter sido sistemática quanto à convicção do participante de jamais ter se percebido exposto a qualquer situação preconceituosa.

Desse modo, o trabalho interpretativo, como já mencionado, considerou as narrativas dos seis participantes em relação a todos os assuntos abordados como um único grupo, buscando concordâncias, divergências, além de identificar temas mencionados por apenas um ou alguns dos entrevistados. Os assuntos e as categorias de conteúdos que os constituem, ilustrados com transcrições de afirmações selecionadas, foram organizados em três grandes blocos temáticos.

### ***5.1. Admissão da orientação sexual e relação com a família e amigos***

Neste primeiro amplo bloco são apresentadas a descrição e a análise de informações referentes à percepção e à admissão da orientação sexual dos senhores protagonistas da presente pesquisa. Todos os participantes disseram que desde muito jovens, ainda quando eram crianças, perceberam que sentiam atração por pessoas do mesmo sexo que o deles, embora não tivessem exata clareza das implicações da concretização de tal percepção, ou seja,

do estabelecimento de relação afetiva / amorosa com outro homem. Essa percepção inicial de uma condição diferenciada parece ter sido muito nítida desde a infância. Todos os seis participantes a reconheceram, sendo que cinco deles (Pasolini, Amácio, Luiz, Robert e Darcy) mencionaram terem sido vítimas de chacotas de outras crianças, na escola ou na vizinhança, sendo chamados de mulherzinhas ou termos equivalentes, em eventos que nos dias atuais seriam caracterizados como *bullying*.

A vivência dessa condição diferenciada parece ser percebida como imprópria ou discrepante desde muito cedo, gerando evidente receio, o que resultou, no caso dos entrevistados, em jamais ter sido revelada abertamente à família. Luiz, por exemplo, argumentou: *uma coisa que você acha que não é legal, não está nos conformes da família, você não vai contar, não é?* Pasolini também falou a respeito: *na minha geração isso não era falado para a família*. No momento atual, todos admitiram ter quase certeza que a família percebia a situação, sendo provável que essa família, possivelmente angustiada com a situação, não sabia como deveria agir. Em alguns casos a quase certeza de que a família sabia foi confirmada, pois ainda na transição entre infância e adolescência os entrevistados enfrentaram situações de humilhação e mesmo de violência física. Pasolini relatou que um tio-avô, no dia de seu aniversário de doze anos, falou na mesa, diante de todos, que seus pais tinham que interná-lo porque era homossexual (na verdade, usou um termo chulo) e isso era uma doença. Luiz relatou ter sofrido agressão física do irmão na rua e do pai em casa.

A adolescência dos entrevistados foi, claramente, um período de sombras, de busca de alternativas às vezes muito difíceis nas cidades interioranas em que alguns viviam, de necessidade de reprimirem-se, de conflitos apenas parcialmente compreendidos, de não terem com quem compartilhar o que sentiam. Alguns exemplos de tais vivências:

*Na adolescência que isso vem com uma força muito grande e você se sente... Esse despertar ele vem na puberdade, na pré adolescência, aí na pré adolescência você se*

*sente um ser anormal diante do preconceito social que você vai ouvindo falar na escola. (Pasolini)*

*Que eu cheguei no ponto que se eu continuar nessa cidadezinha com tanta vulgaridade, com tanta gente... Você não podia nem conversar com colega de escola que era como se você já tivesse transando com o cara. E eu não fazia esse perfil, então as vezes você até pensava se eu fizesse ia dá no mesmo porque eu não faço nada e as pessoas acham que eu faço e aí, moral da história, chegou num ponto que eu pensei em suicídio, juro... Pensei porque você se vê sem saída... Pra onde olha só consegue ver não, não, não, você está errado, é uma deformidade. (Pasolini)*

*Claro que tem a igreja que condena, tem a família que vai condenar porque isso é tido como errado, você ser bicha, veado e tudo... Você passa a ser condenado por isso. Então por essa questão também, digamos, social, essa condição que se tem, é claro eu fui tendo discernimento de ver que aquilo dali não seria bom pra mim e que também tava errado porque eu não sabia se aquilo ali era uma escolha certa. Eu tinha/tenho uma família que tem uma visão e eu sabia o que é que poderia gerar aquilo numa cidade pequena, mas eu continuei a perceber que essas relações homossexuais entre os jovens na minha cidade da minha idade ou um pouquinho mais velhos do que eu, isso acontecia, de ouvir falar ou de você até ver mesmo, de alguém te convidar. (Amácio)*

*Não havia ninguém pra contar. Dá até uma certa coisa de solidão, de você estar sozinho no mundo, não tem pra quem contar. Pode contar pro outro colega que também é. (Luiz)*

*Tinha uns homens que jogavam futebol, colegas de amigos meus, dos meus irmãos que iam lá em casa e eu realmente assumi pra mim assim 'o desejo', eu não conseguia segurar aquele desejo, mas eu morria de medo de que alguém pudesse falar. Eu lembro que eu comecei a entrar num processo de querer virar homem assim, vigiar meus gestos para que não parecessem afeminados. (Robert)*

No grupo de entrevistados a iniciação de experiências sexuais e afetivas em situação de se reconhecer de forma mais definitiva do ponto de vista social como alguém que se caracteriza por orientação homossexual não obedeceu a algum padrão reconhecível. Essa iniciação dependeu de fatores distintos para cada entrevistado. Estar vivendo em ambiente menos hostil do que aquele em que viviam durante a infância e o início da adolescência foi importante para alguns participantes, assim como ter mais autonomia pessoal e estar inserido em grupos propiciadores de oportunidades e de apoio. As respostas fornecidas à pergunta sobre quando se iniciaram as experiências sexuais nem sempre foram muito claras, nem havia expectativa de grande precisão. Em alguns casos, ter saído da cidade em que a família vivia foi importante, em outros ter encontrado pessoas e grupos adequados criou as condições para envolvimento, ter relativa autonomia (como estudante universitário ou seminarista, ou já como trabalhador) também foi importante. Em todos os casos (com a exceção de um entrevistado que respondeu a questão pertinente com imprecisão) a iniciação se deu com a idade mínima em torno de 18 anos. No caso mais tardio o entrevistado menciona 25 ou 26 anos.

Referindo-se ao momento da decisão de contar para outras pessoas sobre a orientação sexual, as respostas fazem referência ao receio ou medo de fazê-lo pelo risco de poderem sofrer preconceito. Pasolini relatou que na adolescência a homossexualidade vem com uma força maior e a pessoa sente-se anormal diante do preconceito a ser enfrentado. Amácio

assinalou que contar para outra pessoa aconteceu durante a juventude, quando já estava na universidade, morando na capital do Estado, configurando-se, para ele, uma maneira de se abrir. Assim como Amácio, Robert também ressaltou o fato de ter vivido em uma cidade do interior, em contexto no qual era ainda mais difícil assumir a condição homossexual.

Cabe mencionar nesse ponto que Ferrari e Barbosa (2014), curiosos em saber quem é o homossexual e que lugar ocupa numa sociedade do interior do Brasil, mais especificamente em Leopoldina-MG, investigaram homossexuais de diferentes idades. Os pesquisadores buscaram entender como esses indivíduos, ao falarem de si mesmos, descreveriam suas práticas e as articulariam com o contexto da cidade. Uma das justificativas para o estudo, que se relaciona aos achados da presente pesquisa, é a escassez de investigações em torno da saída dos homossexuais de cidades interioranas pequenas para cidades maiores, em busca de vivenciar suas sexualidades de forma menos restritiva. Verificaram que os entrevistados mais jovens revelaram mais urgência em vivenciar a homossexualidade e maior propensão à mudança.

Elton e Robert só decidiram revelar sua condição já adultos. No entanto, Robert falou que na infância tinha colegas que também eram homossexuais e eles brincavam de fazer desfiles, gostavam de brincadeiras que segundo ele são consideradas próprias para meninas, o que era indicativo deles estarem assumido implicitamente uma orientação sexual. Luiz, por sua vez, expressou que nunca houve uma decisão de contar para alguém, mas que o assunto vai aparecendo.

Um ponto interessante a ser mencionado é o fato de todos os participantes afirmarem que não são pessoas que fiquem “levantando bandeira” sobre a sua própria homossexualidade. Eles preferem ser discretos a respeito do assunto, ainda que hoje em dia não mais busquem esconder esse aspecto de suas vidas. Ao mencionar o assunto eles, em alguns momentos, revelam discordância com a forma de proceder de homossexuais com outros estilos de

comportamento. Elton, por exemplo, diz que não frequenta Parada Gay, pois acha que virou carnaval. Outros dois participantes (Amácio e Darcy) também afirmaram desinteresse na Parada Gay, no caso de Amácio com críticas à criação de uma espécie de mercado de turismo gay, âmbito no qual situa a Parada Gay. Em alguns pontos são feitas afirmações que não são exatamente de crítica, mas de esclarecimento sobre o fato de que o termo homossexual engloba uma diversidade de estilos que é ignorada, ganhando relevo apenas o estereótipo do gay muito afetado na voz, nos trejeitos, na vestimenta, que Pasolini chama de *homossexual clichê, engraçado*. Elton, por exemplo, comenta: *Todo mundo imagina que homossexual é o viadinho, e não é. É também, mas não é... Você tem várias, várias, várias diversidades*.

Os participantes foram indagados a respeito das primeiras pessoas com as quais perceberam que havia abertura para falar sobre a sua condição homossexual e como essas pessoas reagiram no momento da conversa. As respostas são reveladoras da dificuldade de compartilhar essa condição sujeita a reações preconceituosas e punitivas: em quatro casos a pessoa na qual se decidiu confiar era alguém também homossexual (em três casos eram colegas e em um era um parente, um primo). Um entrevistado teve a conversa com uma amiga próxima. No caso restante, a conversa foi com um irmão mais velho, bem informado, e casado com uma mulher cuja postura aberta e não preconceituosa fornecia segurança em relação ao tema.

Em pesquisa sobre homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira, que tem relação com o assunto em discussão, Scorsolini-Comin e Santos (2012) investigaram como tais temáticas foram retratadas na trama da telenovela *Insensato Coração*, exibida no ano de 2011 na Rede Globo de Televisão, assinalando que a teledramaturgia é item de comunicação de massa que pode introduzir no contexto familiar temas polêmicos. Os autores constataram que o percurso dos personagens da ficção segue a trajetória clássica do “sair do armário” de muitos homossexuais. O percurso retratado na telenovela envolveu, como marcos gerais, as

seguintes partes: envolvimento heterossexual frustrante, aproximação com pessoas do mesmo sexo e com contextos gays, momento de revelação para amizades mais próximas, para posteriormente chegar aos familiares. Esse trajeto verificado na ficção corresponde ao trajeto verificado entre os entrevistados da presente pesquisa, exceto no que concerne ao item inicial, descrito como “envolvimento heterossexual frustrado”, não observado nas narrativas dos participantes do estudo aqui descrito.

Diante da resposta dos entrevistados a respeito de com quem primeiramente se abriram, revelando serem homossexuais, houve indagação sobre a reação dessas pessoas. Quase todos afirmaram que houve boa aceitação, marcada por naturalidade e tranquilidade. Apenas Amácio não mencionou a reação das pessoas, mas pelo fato de ter contado para colegas que também eram homossexuais, mesmo com toda a dificuldade e bloqueio que ele próprio reconhece em si mesmo, é provável que a aceitação tenha sido boa.

Foi comum todos os participantes dizerem que mesmo a família percebendo a homossexualidade, eles nunca conversaram abertamente sobre tal assunto devido à falta de abertura que existia na época em que o reconhecimento de sua condição se deu. De modo geral, afirmaram que, hoje, o relacionamento com a família é ótimo, mas o tema da homossexualidade permanece na categoria de assunto que não deve ou não precisa ser abordado, e alguns relataram que não é incomum passarem por episódios que geram constrangimento, do tipo ter que ouvir de familiares certas piadas sobre homossexualidade, que podem ou não ter sido dirigidas a eles. Amácio, por exemplo, chega a comentar que ainda hoje é tratado com diferenciações, enquanto Darcy reconhece que é tratado com naturalidade, mas tendo que evitar determinados temas, e Luiz percebe o relacionamento com a família como bom, mas indica que parte da história das interações vividas precisou ser abafada para possibilitar tal situação. Ilustrações de falas relativas a tais aspectos são reproduzidas a seguir:

*Mas eu sei que eles... Eu sou tratado de modo diferenciado, eu sei que as coisas assim comigo não são tão, digamos assim, generosas. Não são como os outros. Tem uma certa dificuldade desde aceitarem algumas posições minhas, os comportamentos meus e tudo. Tipo assim, eu hoje estou morando com meus pais porque eles precisam também de mim, aí tipo assim, se eu for sair à noite, eles ficam preocupados, né? O que você vai fazer a noite? Vai sair? Tipo assim, querem me vigiar. Poxa! É difícil na idade que eu estou, mas porque é uma moral muito... E tão sempre pensando assim 'Ah, você já vai sair'. Mas eu creio que hoje meus pais eles sabem, só não comentam isso abertamente, até por causa das minhas relações, de eu levar um amigo ou uma pessoa que às vezes estou me relacionando, levar em casa, apresentar. Não falar assim é meu namorado ou meu companheiro'. Não falo isso, falo 'é um amigo' e pronto, porque eu sei que isso é um tabu, é um choque, entendeu! Eu evito pra não ter conflito e não piorar as coisas, mas eu já recebi assim... Eu tinha uma tia, coitadinha, muito legal e tal comigo, mas às vezes ela me falava umas coisas 'não, porque homem, homem tem que ser macho mesmo', tipo assim. (Amácio)*

*Hoje em dia a minha família toda sabe que eu tenho um relacionamento, mas a gente não comenta a respeito. Eles me tratam tão naturalmente nisso aí que a gente acha desnecessário. (Darcy)*

*O relacionamento é maravilhoso. O meu pai, que me agredia, de uns anos pra cá depende muito da minha ajuda. O irmão que tinha problema comigo, agora me adora, viu que não era nada que ele achava que seria. Uma vez ele me disse porque eu não trocava de nome, porque meu nome envergonharia a família. Há muitos anos atrás ele*

*disse isso. Pra você ver como que era a coisa... Pra essas coisas não tem nem resposta, não é? Eu saí. (Luiz)*

Mesmo na idade atual em que se encontram quatro dos participantes disseram que só falam abertamente de sua orientação sexual quando é indispensável, ou quando se sentem à vontade, com pessoas próximas e em determinados lugares. Apenas em dois casos essas pessoas próximas incluem irmãos, na verdade, irmãs e, em um único caso, irmão. Nos casos em que os pais ainda são vivos não há conversas sobre o assunto. Seguem-se dois exemplos de respostas:

*E eu sempre falei quando era necessário falar. Eu me sinto a vontade em tocar no assunto quando ele surge com pessoas que eu tenho um grau de confiança alto, grandes amigos, pessoas extremamente esclarecidas, geralmente artistas, heterossexuais, gente que não está preocupada e que já superou todo tipo de preconceito. (Pasolini)*

*Para os amigos íntimos, mais chegados, é lógico que uma hora eu falo ou uma hora eles descobrem, porque eu não vou ficar fazendo teatro com pessoas de quem eu gosto muito do meu lado, não vou ficar mostrando uma pessoa que eu não sou. (Elton)*

Amácio e Robert, diferentemente, disseram que não costumam falar por repressão e por medo, pois para a população homossexual, no geral, é comum a realidade de ter que conviver com o risco da discriminação. Robert se remete várias vezes durante a entrevista, ao seu jeito de ser fechado quando o assunto é a sua sexualidade, atribuindo isso muito à formação religiosa que teve quando criança e também à geração a qual faz parte. A fala reproduzida abaixo é um exemplo de como ele percebe a questão:

*Eu não falo muito. É engraçado esse ranço que eu carrego, acho que da minha geração. Era uma coisa meio proibida, clandestina, aquela coisa difícil, aí às vezes eu não assumo como eu deveria assumir. (Robert)*

Ainda sobre o tema da família registra-se aqui a situação de pai adotivo vivida por um dos participantes, Luiz. Trata-se de adoção não planejada, resultante de situação abandono de uma criança de oito anos por seus pais. A adoção foi feita individualmente. Na época em que se deu a adoção (há quase vinte anos) Luiz não convivia com companheiro, e a legislação brasileira não mencionava a possibilidade de adoção por casais de mesmo sexo, mas possibilitava adoções feitas por um único indivíduo. A adoção individual era a modalidade acionada por indivíduos homossexuais eventualmente interessados em adoção. No Brasil de hoje, com o reconhecimento da união estável pela Justiça, a possibilidade de adoção por pares homoafetivos deverá se tornar mais corriqueira, contribuindo para desfazer pré-concepções em torno de tal prática como modeladora de crianças no sentido de tornarem-se homossexuais como seus (suas) adotantes. Um dos entrevistados, inclusive, mencionou o tema com ironia: *Eu não conheço um gay que tenha pai gay, que seja filho de casal gay. Todo gay é filho de casal heterossexual (Robert).*

Quanto ao grupo de pessoas com as quais mantêm relacionamentos mais próximos e frequentes serem compostos predominantemente por homossexuais ou heterossexuais, os entrevistados forneceram respostas diversificadas. A composição de tais grupos pode sofrer variações circunstanciais, mas os grupos de amizade atuais são majoritariamente compostos por homossexuais nos casos de Elton, Amácio e Luiz e por heterossexuais nos casos de Pasolini e Darcy. Robert afirmou que seu grupo amplo é diversificado, pois convive muito com heterossexuais a partir de uma das vertentes de seus grupos de amigos, mas também convive bastante com o grupo de amigos do companheiro, no qual predominam homossexuais, daí o caráter misto de seu conjunto de amigos.

A convivência entre as pessoas do grupo de relacionamento mais próximo dos entrevistados é boa, de acordo com a maioria, não havendo conflitos e nada em especial que os incomode demais. Amácio e Pasolini alegaram que nos grupos de que participam acontecem disputas e competições. Seguem-se exemplos do que foi dito sobre o assunto:

*O meio, assim, também dos homossexuais, às vezes é muito difícil. Existe uma competição muito grande, mesmo no território profissional da arte, é muito competitivo, né? Então, há muito ciúme, muita inveja e não só em relação a trabalho, mas também em relação a conhecer pessoas. (Amácio)*

*Entre os esclarecidos, sim [sobre a convivência ser boa], porque entre os homossexuais sempre vai ter uma armadilhazinha, um venenozinho, uma pegadinha, sabe, uma coisa assim pra te diminuir. (Pasolini)*

*Não. Nada não. No grupo de amigos homossexuais é só festa, a gente se encontra e você ouve um grito ‘ahhh, fulano’ (risos). É alegria pura. (Luiz)*

Para finalizar a presente seção resta abordar o tema das atividades de lazer preferidas, lembrando-se aqui o fato de que os participantes têm idade média de 58 anos, nível de escolaridade alto e condição econômica confortável. A diversidade de atividades apontadas foi grande, podendo ser citadas com destaque atividades de natureza cultural (tais como leitura, teatro, cinema, apresentação musical, viagens), e atividades físicas (como caminhar e pedalar). Também foram mencionadas com algum destaque atividades caseiras, como receber amigos, cozinhar para amigos e assistir filmes. Apenas um entrevistado (Elton) disse que “gosta de um barzinho bacana”, enquanto os demais não mencionaram frequentar bares como opção de lazer privilegiada. Luiz assinalou que vai muito pouco a bar e Amácio frisou que não vai porque tem medo de eventuais agressões. Robert relatou já ter sido agredido em bar.

Três entrevistados fizeram menção a boate gay: Elton para dizer que nunca foi, apesar de saber que existe uma em Vitória; Darcy que, referindo-se a si e ao seu companheiro afirmou “não frequentamos mais boate gay”; e Amácio, ao dar um exemplo, de uma forma que sugere que ele é frequentador habitual. Apenas dois participantes incluíram a praia como atividade regular de lazer (Amácio e Robert). É possível dizer que as atividades de lazer preferidas são mais seguras (por envolverem ambientes coletivos vigiados nos quais a pessoa está como platéia ou por serem ambientes privados) do que a exposição que representa o bar, que além da exposição não seletiva envolve consumo de álcool que pode facilitar acirramento de provocações por parte de indivíduos predispostos à confusão. Chama atenção a escassez de menções a atividades dirigidas de forma explícita ao público homossexual.

Estão transcritas a seguir, como ilustrações, algumas respostas fornecidas pelos entrevistados:

*Leitura, caminhada, cinema, leitura (eu considero a principal), ciclismo. São as coisas que eu mais gosto, entendeu? Lazeres ao ar livre, nada de academia, esses negócios, não. (Pasolini)*

*Eu gosto muito atualmente de ficar em casa, de receber pessoas na minha casa. Eu sempre gostei muito de receber pessoas na minha casa, até porque eu gosto de cozinhar. Gosto de ir a restaurante, jantar fora. (Elton)*

*É teatro, cinema, eu gosto de viajar embora não tenha podido ultimamente por questões econômicas (risos), mas eu gosto de viajar, conhecer lugares. Eu adoro praias, só que em Vitória já não tem mais praia, tem que ir em outro lugar. Eu adoro praticar esporte, praia, eu gosto muito disso aí. Meu lazer é mais ler, eu gosto de ler e até de ver televisão também eu gosto de ver, mas o meu lazer é basicamente esse. (Amácio)*

*Bar, não muito. Eu vou ao teatro, vou ao cinema, gosto muito de ficar em casa vendo um filme mais caseiro, gosto de fazer uma comida em casa e receber amigos. À praia quase nunca vou, saio às vezes, viajo para ir ver um show, de um cantor, uma cantora, uma peça de teatro, é isso. E gosto de viajar, conhecer novos lugares. (Luiz)*

*Eu gosto muito de malhar, musculação, faço caminhada também, estou fazendo aula de canto porque desde criança sempre gostei de cantar. Gosto muito de ler, de ouvir música, gosto muito de música e gosto demais de ir à praia. (Robert)*

*A gente [ele e o companheiro] gosta muito de teatro, gosta de sair pra jantar, se divertir, mas hoje em dia passamos daquela fase de boate gay, de dançar. (Darcy)*

## **5.2. Preconceito, discriminação, estratégias utilizadas e auto-conceito**

Na presente seção são apresentadas a descrição e a análise das situações relatadas pelos participantes como aquelas em que perceberam que estavam sendo alvo de preconceito. Estão incluídos tanto exemplos de situações vividas pelos próprios entrevistados como ocorrências pelas quais pessoas conhecidas deles passaram e que foram recordadas no curso das narrativas.

Indagados sobre se consideram que exista alguma diferenciação, em qualquer aspecto, entre homossexuais e heterossexuais nos ambientes em que frequentam, os participantes forneceram respostas heterogêneas. Luiz afirmou não haver diferenciação, assim como Darcy, que assegurou nunca as ter percebido e por isso acredita que não estão presentes. Elton afirmou que não as percebe, mas acredita que elas estejam lá. Amácio, Robert e Pasolini admitiram que as diferenciações existem e que são frutos da dificuldade de algumas pessoas

compreender a homossexualidade, aceitar e conviver normalmente com homossexuais, como fazem com outras pessoas, inclusive com aquelas com quem têm alguma divergência.

Para Robert, os locais em que isso fica mais evidente são os bares, mas comentou que no local em que trabalhava também existia, inclusive sendo preterido em indicação para cargo de chefia por ser homossexual, lembrando-se aqui que ele era da polícia civil. Amácio comentou que essas diferenciações são bem perceptíveis em eventos sociais e familiares. Pasolini mencionou que o homossexual acaba tornando-se “especialista” em preconceito dada a frequência com que tem que lidar com situações em que ele se manifesta. É claro que tais experiências os prejudicam, resultando em mágoas, incômodos, constrangimentos. Alguns excertos de falas que são reflexões sobre o tema são reproduzidos na sequência, como exemplos das situações vividas:

*Entre amigos e até entre os próprios homossexuais, entendeu? Então você encontra uma variedade de camadas de preconceitos que você vai tendo que lidar com isso ao longo dos anos, ao longo do tempo. Você vai ficando especialista em preconceito e aí você vê como o cidadão homossexual é vulnerável no Brasil, né? Como se a legislação fosse mais, por exemplo, em relação à questão da homofobia, se realmente passasse isso daria um empoderamento aos homossexuais em relação... Quantas vezes eu sofri uma agressão e poderia ter registrado uma ocorrência, que eu poderia ter defendido a minha cidadania e não tive como. (Pasolini)*

[Criticando a noção de opção sexual, dizendo que não se trata de opção] *Imagina se eu ia optar por sofrer esse monte de preconceito de colegas, de amigos que conheci e que morreram, outros que morrem porque o Brasil é um país muito preconceituoso, mas acho que por força dessa luta dos gays no mundo, que começou nos Estados*

*Unidos nos anos 60, anos 50, com o movimento gay, os direitos civis, depois na Europa, chegou aqui no Brasil. (Robert)*

[Falando sobre homofobia] *Pois é, é uma coisa que eu até li uma vez. O negro ele sofre preconceito na sociedade, na rua e tudo, mas em casa ele tem apoio da família. E o gay sofre preconceito na rua, no trabalho e às vezes na família. Pior, às vezes na família é enxotado de casa, levado ao suicídio como em muitos casos aí. Então eu acho que é um absurdo não ser crime isso. (Robert)*

*Inclusive tem leis hoje em dia que nos dá isso. Então eu vejo que quem é contra segura a língua um pouquinho, porque acha que pode ficar mais prejudicado do que a gente por não ser aceito. Leio muito, vejo o que acontece e tem muita coisa ainda. Você vê que matam, principalmente travesti são assassinados por preconceito, mas ninguém nunca que fosse chegado a mim, que eu conheça, que eu tenha intimidade. (Darcy)*

Elton e Darcy foram os únicos participantes que mencionaram de forma sistemática, em vários momentos das entrevistas, nunca terem sofrido qualquer preconceito ou qualquer tipo de violência devido à sua orientação homossexual. Ambos mencionaram conhecer casos muito constrangedores de preconceitos vividos por conhecidos (Elton chega a dizer que *é muito triste, é como se fosse com a gente*) ou casos dos quais tomaram conhecimento pelo noticiário. Esses dois são os participantes de mais idade, já na faixa de sessenta anos, ambos com uma carreira profissional bem sucedida em ambiente artístico. É importante ressaltar que Darcy, por exemplo, mesmo tendo sido tratado com deboche e desqualificação na escola, não levou tal fato em consideração quando afirmou que não sofreu qualquer preconceito. O

mesmo Darcy, explicando durante a entrevista o fato de não esclarecer para sua família a respeito de sua condição, faz a ressalva: *Já pra minha família, não sei se estou fazendo você entender que não é preconceito deles, é uma questão de princípios e criação.* Elton, que é o entrevistado mais taxativo entre todos quanto ao fato de jamais ter sido alvo de preconceito faz algumas observações sugestivas ao fenômeno. Ele relata com orgulho ter ouvido de colega a seguinte declaração, sem perceber a carga de preconceito que ela comporta: *Eu tenho uma admiração tão grande por você porque você é homossexual e tem um comportamento tão exemplar.* Elton relata ainda que tem alunos jovens que são homossexuais e seus pais, que sabem de tal condição, assistem como apoiadores ensaios e apresentações artísticas deles, o que difere muito de sua própria experiência quando jovem, sem atentar para o fato de que o preconceito existiu em seu caso. Tais casos podem ser exemplos confirmadores da constatação de Castro, Abramovay e Silva (2004, p. 278) de que “muitas expressões de preconceitos e discriminações em torno do sexual tendem a ser naturalizadas, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violências.”

Situações de violência também foram relatadas pelos entrevistados. Deboches, xingamentos, provocações e mesmo violência física na escola ou na família, ocorridos na infância, já foram relatados em ponto anterior do texto.

Amácio narrou que foi vítima de um assalto em que o deixaram sem a roupa e acredita que agiram preconceituosamente com ele como uma forma de dar-lhe uma lição, muito provavelmente devido à sua condição homossexual. Mesmo assim, ainda considera que deu a sorte de os policiais comportarem-se “*a seu favor*”, pois entenderam a situação e detiveram somente quem o assaltou. Avaliou que, dependendo da concepção dos policiais, o assaltante e assaltado gay poderiam ter sido detidos. Contudo, o participante tem ciência de que o assaltante foi preso devido ao ato de roubar, mas talvez não houvesse detenção “apenas” pelo fato de ter havido agressão a um homossexual.

O mesmo participante (Amácio) relatou ter sido vítima de outro assalto. No entanto, o relato descreve um fato que parece melhor classificado como furto, pois Amácio informa que pessoas com quem já se envolveu tentaram tirar coisas dele (coisas não identificadas) e isso deixou-o chocado, traumatizado. É possível dizer que seu relato mostra o quanto ele estava vulnerável a episódios desagradáveis no contexto das relações que estabelecia, como está exemplificado nos excertos transcrito a seguir:

*Agressão física, não. Já fui ofendido verbalmente, já fui assaltado, isso aí eu já fui. Já recebi ofensas assim. Até assaltado por pessoas mesmo, assim, que eu me envolvi com elas e elas de alguma forma, por raiva de mim, quererem me assaltar, tirar alguma coisa minha sem mais nem menos assim. A gente fica chocado, né? (risos). Um choque terrível, porque é uma forma de violência. Tá aquela pessoa ali e você não espera o que pode acontecer, mas de repente acontece, aí você fica traumatizado. É um trauma, é uma agressão, uma forma de agressão também. (Amácio)*

Também foi relatado um caso de assalto seguido de estupro coletivo, visto como decorrente da condição homossexual da vítima. O participante vítima de tal ato bárbaro, discorreu sobre o sofrimento que passou, não só devido ao fato em si, mas também à decepção que teve com pessoas que ele considerava serem seus amigos e que não o ajudaram a se recompor após o ocorrido. É importante assinalar que o fato aconteceu na época do surgimento da AIDS. Apresenta-se a seguir o relato sobre o fato, que não é breve, mas é muito marcante e revelador.

*Estava aquela coisa da caça às bruxas, que a AIDS era uma doença transmitida pelos homossexuais... Eu sofri um assalto e sofri violência física. E graças a Deus escapei, não me mataram e enfim, eu não reagi. Naquele momento assim eu só esperava que eles me deixassem sobreviver. Olha só que situação: me assaltaram e me retiraram do*

*espaço da rua, num bairro que eu não conhecia. Eram três assaltantes. Eles já tinham me espancado assim horas e eu não desmaiava e eles falavam assim: nossa, nós batemos tanto em outra pessoa, a pessoa desmaiou logo e ele não. Quer dizer, eu consegui ser resistente. Aí um assaltante resolveu falar vamos deixar o cara, vocês já pegou tudo dele. Nisso eu já estava sem nada, estava sem roupa, sem nada, sofrendo o espancamento e a violência sexual que é tudo junto. Então o estupro é espancamento com a violência sexual tudo junto, né! É um ato de tortura. Então, quando eu vejo alguém subestimando o estupro eu faço questão de falar isso. Eu pedi ajuda numa casa de camponeses. Me deram uma roupa, pessoas bem paupérrimas, uma casa vizinha, era periferia, me arranjaram uma roupa, eu fui e cheguei com a cara toda deformada de hematomas pelo corpo inteiro e tal. (Pasolini)*

Nascimento e Pimentel (2011) estudaram, em Belém – PA, o funcionamento de instituições que zelam pelas políticas públicas previstas no combate à violência praticada contra homens homossexuais (e outras formas específicas de violência) e a compreensão dos seus gestores sobre o fenômeno. Concluíram, diante do pequeno volume de registros de injúria contra homossexuais em comparação com número bem maior dos registros de injúria racial, que é importante o atendimento diferencial que as delegacias especializadas prestam, pois os homossexuais podem sofrer preconceito duplo quando comparecem para fazer alguma denúncia, a depender do tipo de atendimento prestado pelos profissionais da delegacia.

Está em tramitação no Congresso Nacional brasileiro, desde 2006, um projeto de lei que objetiva definir os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero, estabelecendo tipificações e delimitando as responsabilidades do ato e dos agentes (Brasil, 2006). Trata-se do Projeto de Lei 122, de iniciativa da deputada federal Iara Bernardi (PT-SP), em parceria com a Associação Brasileira

de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, dentre outras organizações nacionais afiliadas. A nova lei ainda não está em vigor, pois aguarda aprovação do Senado Federal, e em tal situação o simples fato de uma pesquisa ter proporcionado novos registros de casos de violências praticadas contra homossexuais representa contribuição cuja relevância social é evidente, pois é importante destacar que as manifestações homofóbicas continuam a ocorrer nesse quase vácuo legal.

Em continuidade ao texto passam a ser apresentadas respostas dos participantes opinando sobre direitos sociais agora previstos em lei, com o objetivo de que permitem verificar se eles se percebem apoiados de forma equivalente a qualquer outro indivíduo. O ponto principal a ser considerado é o do reconhecimento da legalidade da condição de união estável entre pessoas do mesmo sexo, decidido pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2011. Tal reconhecimento representa um marco histórico no percurso da população homossexual, pois tais uniões sempre existiram e a partir de então, os casais passaram a ter assegurados direitos como pensão alimentícia e previdenciária, herança, licença médica, comunhão parcial de bens, entre outros benefícios.

Todos os participantes reconhecem a importância dessa nova legislação em termos de garantias. Vários deles encontraram oportunidade em seus relatos, mesmo sem terem sido indagados a respeito, para mencionar que sabem de casos em que, com a morte de um dos parceiros, sua família, que havia rompido relações e que nem sequer falava com eles, rapidamente apareceu para tomar posse do que era desse parente morto. Esse tipo de história parece ser emblemático como ilustração da falta de segurança jurídica mínima em que vivem casais homossexuais. O que foi dito por Elton reflete a opinião sobre o tema da união estável: *Eu acho que agora, esse tipo de coisa que está acontecendo de união estável e que te garante direito, eu acho ótimo, perfeito, eu acho que todo mundo tem direito.*

Sobre a segurança jurídica em termos mais gerais e sobre a redução do preconceito em decorrência das novas leis, ainda há questionamentos por parte dos participantes. Amácio e Luiz, por exemplo, argumentaram que as garantias ainda são imprecisas, mas de qualquer forma estão sendo conquistadas, como ilustram os trechos de falas subsequentes:

*Eu acho que as garantias ainda são pequenas, porque quando você recebe uma ofensa você não tem o direito de denunciar a pessoa pra que ela se posicione ou pra que ela seja punida de alguma forma pelo ato dela se manifestar preconceituosamente em relação a uma outra pessoa de uma outra opção sexual. (Amácio)*

*Está chegando, porque temos o direito de que já podemos casar e tudo, mas ainda tem gente que é contra. Tem gente que briga ainda contra isso. Você não pode beijar em público, você pode casar, pode casar nesse país, mas vai beijar aqui na praça, um homem beijando outro homem, pra ver a confusão que dá. (Luiz)*

Pasolini também destacou a importância do amparo legal proporcionado pelo reconhecimento do contrato social de união entre pessoas do mesmo sexo, tomando como exemplo a sua situação de após o fim de um relacionamento de 20 anos, não ter tido direito a um imóvel que o ex-companheiro adquiriu, apoiado em parceria financeira, enquanto estavam juntos. Como tudo foi feito com base na confiança mútua não foi possível levar adiante qualquer reivindicação legal.

Quanto a episódios de preconceito vivenciados pelos participantes em seus locais de trabalho ou no contexto de processos seletivos para empregos, apenas um entrevistado reconheceu com clareza a existência de tais episódios. Relatou não ter sido contratado para um trabalho por ser homossexual, quando era jovem.

*Ainda posso ser vítima de assédio, por exemplo, na portaria do prédio que eu moro, com funcionários onde eu trabalho, com alunos (eu já dei aula) na escola. Você sempre ouve uma piadinha, uma coisa... (Pasolini)*

*Um cara desistiu de eu fazer uma propaganda porque ele descobriu que eu era homossexual, que eu não servia porque eu era homossexual, mas eu era um ator, eu poderia criar um personagem. Ele se baseou só no estereótipo achando tipo assim “você me trouxe uma bicha, eu queria um ator, eu preciso de um ator.” (Pasolini)*

Esse mesmo participante mostrou-se muito incomodado quanto ao fato de ter havido questionamento, quando de sua nomeação para um importante cargo público estadual de direção, sobre a capacidade de um homossexual ocupar tal função.

*Do próprio trabalho aqui, sabe, as pessoas questionavam porque, como um homossexual pode ser diretor do [nome da instituição], entendeu? Quer dizer, como isso é recorrente, isso tá sempre presente, apesar de eu ter compreendido lá atrás que a sua vida profissional, a sua obra, está além dessa questão de com quem você fica, com quem você dorme, do que você faz entre quatro paredes. (Pasolini)*

Nenhum outro entrevistado relatou episódios nos quais se perceberam alvo de preconceito ou discriminação no ambiente de trabalho, mas alguns relataram situações de ambivalência que viveram, nas quais certas evidências muito sugestivas de preconceito foram minimizadas, como indicam os trechos de respostas transcritos a seguir:

*No trabalho? Não assim abertamente. Acho que nunca aconteceu isso não, agora eu sinto que às vezes as pessoas agiam de modo estranho comigo, entendeu? Aqui no trabalho mesmo, algumas vezes a gente percebe as pessoas tratarem a gente com uma certa diferença, não sei, mas uma coisa não muito aberta, como xingar. (Amácio)*

*Olha, como eu te falei, no meu trabalho eu nunca sofri isso, sempre me respeitaram, eu sempre fui a pessoa muito discreta. Mas eu lembro que me contaram que teve uma coisa de preconceito efetivo em 98 quando eu ficava na chefia no setor que eu trabalhava e o chefe aposentou. Aí a pessoa natural pra ser o chefe seria eu porque eu trabalhava no setor e tem uma hierarquia natural pra ser seguida, então eu era pra ser o chefe, mas, surpreendentemente, não fui indicado. Indicaram uma mulher de outro setor e depois uma amiga minha me falou: não lhe botaram porque falaram que você era gay, porque você saía, bebia. (Robert)*

O ponto seguinte a ser abordado é o das reações dos participantes diante das situações preconceituosas em que se viram envolvidos. A resposta mais comum é a que revela preferência pela discrição, pela opção de ser reservado nas situações sociais, evitando envolvimento que exija ações mais diretas e objetivas de discussão e/ou contestação, optando pelo afastamento e pela evitação de certas pessoas e certos locais. Fica claro que tal estratégia de ação está relacionada com a segurança pessoal, indicando que a percepção de maior vulnerabilidade a riscos é parte do cotidiano de homossexuais. Todos os entrevistados, em algum momento, apresentaram respostas com tal teor. São exemplos dessas respostas:

*Eu reagia com a indiferença, eu parava de falar com a pessoa. Parava mesmo, entendeu? (Pasolini)*

*Até pelo fato de eu ter esse comportamento mais reservado, pode ser que seja até uma forma de me proteger. Na verdade deve ser. (Elton)*

*Eu não tento me proteger, até porque não tem nem como... Se estou andando na rua e alguém passa e fala isso ou eu vou a algum lugar e for tratado com alguma forma de preconceito, eu não vou lá mais, eu rejeito esse lugar, eu que vou passar a rejeitar de*

*não comparecer mais naquele lugar. Agora quando ocorre na rua, que uma pessoa fala, [ignoro] pra não criar conflitos, não é? (Amácio)*

*Reajo com desprezo (Luiz)*

*Sempre fui uma pessoa muito discreta. E as pessoas tem isso com gay que é discreto, é bem aceito. Mas eu me protejo... Mas não é isso não, isso não é por causa de timidez mesmo, é medo também, não é? Porque existe agressividade. (Robert)*

*Eu fico sempre na minha. É aquilo que eu te falei, como a gente não aprendeu a brigar, a gente é mais tranquilo. Não fico mais ali, eu sou apolítico, não me envolvo tanto e pra mim está tudo bom (risos). Como o pessoal fala que o gay vê o mundo através de um óculos cor de rosa, tudo está bom. (Darcy)*

Os participantes também forneceram respostas relatando outras estratégias, indicando que não há formas sempre repetidas e seguras de enfrentar situações de preconceito, o que, de resto, deve valer para todos os tipos de manifestações preconceituosas, pois nelas a violência é sempre componente latente. A variedade de reações possíveis pode guardar relação com a natureza da situação e também com a idade dos envolvidos. Pasolini, por exemplo, relatou que em algumas situações antecipa-se, mostrando que percebeu a manifestação iminente de preconceito, deixando claro que ela não o afeta, esvaziando a surpresa do ato. Amácio, por sua vez, afirmou que ter formação que possibilite agir com educação e respeito nas interações sociais já é uma forma de proteção, e ele procura valer-se de tal possibilidade. Luiz relatou ação de enfrentamento mais direto ocorrida quando era mais novo, e admitiu que sua reação pode envolver desde manifestação de desprezo pelo responsável da ação preconceituosa até o revide agressivo, como mostra com clareza sua afirmação reproduzida abaixo:

*Eu tenho o pavio meio curto, né? Dependendo da hora, do lugar e tudo eu posso ter mil reações, inclusive uma porrada na cara do sujeito. Esse negócio de levar desaforo pra casa é difícil. Hoje mesmo eu estava contando um episódio que aconteceu: passei na frente de um bar e tinha uma mesa ocupada por dois casais. Um dos rapazes virou para o outro e falou bem assim 'ai uma bicha doida', falou para que eu ouvisse. Ai virei e falei bem assim: olha, bicha vocês conhecem, né? Agora vocês vão ver a doida. Peguei a mesa deles que tinha salgado, cerveja e tudo e virei em cima deles. Ai veio um pra cima de mim e eu bati com a garrafa no meio fio assim, quebrou e mostrei 'vem, vem...você é tão homem, vem!'. Naquela época eu tinha 30 anos, vinte e poucos anos, podia fazer essas coisas, hoje não mais... Eu era mais esquentado, hoje eu já aprendi muito, não faço mais isso. (Luiz)*

Assim como se percebe na resposta de Luiz, outras respostas também indicam que o mesmo indivíduo, mesmo tendo um estilo próprio de lidar com as situações, pode valer-se de estratégias distintas, a depender dos atores, dos locais e dos atos preconceituosos. A esse respeito, Rossow (2015) argumenta que é como se existisse um tipo de cálculo imediato que regulará a reação cabível, no qual o peso de elementos diferentes são ponderados para que haja o fornecimento rápido da informação sobre o “custo” de cada tipo de estratégia de reação possível.

Como um exemplo de informação a ser englobada nesse suposto cálculo, pode ser mencionada, inclusive, a classe social dos atores envolvidos. Todos os participantes da pesquisa afirmaram que a classe social faz alguma diferença em termos da aceitação e da interação não preconceituosa com homens homossexuais. No entanto, a direção das respostas quanto ao grupo mais preconceituoso foi múltipla e por vezes incluiu o nível de instrução como algo correspondente a classe social. Pasolini afirmou que a classe média é a mais

intolerante. Elton disse que pessoas de “melhor nível cultural” aceitam com mais facilidade a convivência, pois para os pobres tudo é mais difícil. Amácio opinou no sentido de que homossexuais ricos são mais aceitos, inclusive pelas famílias. Luiz declarou julgar que gays são aceitos em todas as classes, mas os mais pobres, mais simples, aceitam melhor. Robert considerou que as relações são piores na classe média, porque “gente mais pobre e mais rica é mais desapegada do moralismo”, pois rico não dá satisfação a ninguém e pobre está preocupado com outras coisas. Darcy respondeu que “pessoas com menos cultura” têm mais dificuldade de compreender e aceitar. A diversidade de respostas acima revelada pode ser tomada como indicação de duas possibilidades a serem consideradas: os entrevistados, indivíduos potencialmente sujeitos ao preconceito, não dispõem de informações seguras para nortear suas avaliações e a fazem com base nas circunstâncias específicas que viveram em termos de grupos com os quais têm contato; ou o preconceito contra os homossexuais está tão arraigado e disseminado ao ponto de impossibilitar a constatação de associações diferenciadas seguras com esse ou com aquele grupo.

Em relação ao questionamento seguinte apresentado aos entrevistados, sobre em qual classe social eles julgam ser mais fácil assumir a homossexualidade, as respostas mostraram diversidade assemelhada àquela que acabou de ser relatada sobre a classe que lida de forma menos preconceituosa com os homossexuais. Mesmo quem já viveu várias décadas como homossexual tem dificuldade de obter conhecimento preciso sobre diversos aspectos das muitas interfaces de interação da sociedade em que vivem com a homossexualidade, mas sabendo que em algumas delas a hostilidade e a violência estão presentes. Uma das consequências é a da conformação com um universo restrito em termos de mobilidade e de amplitude de ações, criando mundos próprios menos inseguros, que é um cenário que o presente estudo parece, de fato, revelar.

Um exemplo significativo dessa limitação cotidiana foi mencionado por Darcy, que mora parte do tempo em Vitória e parte no Rio de Janeiro. Um sobrinho iria sair de uma cidade do interior do Espírito Santo para cursar universidade no Rio de Janeiro e a mãe dele (irmã de Darcy, que conhece a orientação sexual do irmão e mantém com ele relação muito boa) queria que ele fosse morar com o tio. Darcy propôs ajudar para que o sobrinho pudesse morar em outro lugar, podendo fazer refeições em sua casa, mas sem morar com ele. Sua justificativa para a irmã foi clara: *falei que o meu mundo é tão pequenininho, eu não posso sair de mãos dadas, eu não posso beijar na rua porque na época não era permitido também, eu não posso fazer um carinho no cinema, então meu mundo é o meu apartamento. Se eu boto uma outra pessoa eu estou sendo invadido naquele mundinho que sobrou pra mim. E foi feito dessa forma.*

### ***5.3. Reavaliação de estratégias utilizadas e expectativas sobre futuro da relação sociedade - homossexualidade***

O presente bloco temático é iniciado com as respostas a uma questão hipotética: o que os participantes fariam de diferente do que fazem hoje caso a sociedade passasse a lidar com a homossexualidade com o mesmo padrão de naturalidade com que lida com a heterossexualidade. Elton respondeu que nada mudaria para ele, nada faria de diferente, o mesmo conteúdo da resposta de Luiz que nada mudaria, pois nunca deixou de fazer algo por causa dos outros, ressaltando que às vezes a gente pode até se aborrecer, porque alguma pessoa vai chegar e cobrar, mas se você não tem medo... As respostas de Robert e de Darcy, exatamente os dois que têm companheiros há muitos anos (15 e 30, respectivamente) ressaltaram que seria “legal” poder manifestar-se de forma carinhosa com o companheiro em público (mencionaram andar de mãos dadas, fazer um carinho, botar a mão no ombro, beijar),

sem o risco de ser agredido, como frisou Robert, ou repreendido, termo usado por Darcy. Essas duas respostas tocam no tema da segurança pessoal. As duas respostas restantes (Pasolini e Amácio) enfatizaram precisamente a questão da segurança. Pasolini disse que se sentiria menos preocupado com sua segurança e Amácio disse que teria mais coragem para sair à noite, ir a mais lugares. A resposta de Amácio está reproduzida abaixo, como ilustração:

*Talvez eu teria mais coragem pra sair a noite, pra ir nos lugares, porque o mundo como está a gente sabe que os preconceitos, esses radicalismos, esses tipos de coisas, você não sabe se pode sair e ser agredido por ser homossexual, sair na noite, numa balada... Talvez essas coisas assim. É ter mais publicamente, talvez socialmente, seria mais expansivo, sairia mais, frequentaria mais lugares, mas com menos temor, do que eu faço hoje. (Amácio)*

O segundo assunto o qual os entrevistados foram solicitados a discorrer foi sobre acreditarem ou não que o preconceito está diminuindo, comparativamente a momentos anteriores que eles viveram. Quatro participantes (Elton, Luiz, Robert e Darcy) entendem ser possível dizer que o preconceito diminuiu, mas os três primeiros fazem algumas ressalvas. Elton frisa que a redução é pequena e muito lenta. Luiz acha que diminuiu a quantidade de preconceituosos, mas eles estão ficando mais ferozes, esfaqueando, queimando, enfiando objetos, matando, “coisas que a gente não via antigamente”. Robert opinou no sentido de estar havendo diminuição porque os gays se impuseram economicamente e profissionalmente. Darcy forneceu a resposta mais direta e objetiva:

*Diminuiu muito. Desses anos que eu convivo, eu me entendo por isso, desde os meus quinze anos eu já sabia a minha preferência e eu segurava alguma coisa porque eu via que era complicado. Hoje em dia, nossa! Mudou muito em relação a minha época, está bem melhor. (Darcy)*

Pasolini respondeu de forma muito pessoal, mas que permite afirmar que percebe alguma diminuição no preconceito. Sua resposta está transcrita a seguir:

*Acho que os preconceituosos vão sendo reproduzidos matematicamente [talvez o sentido pretendido seja geometricamente], progressivamente, mas ao mesmo tempo hoje eu penso dialeticamente, que você tem os preconceituosos e você tem as pessoas que não são preconceituosas, então isso como regra básica da existência da vida como lei científica, essa dialética, equilibra isso daí, dá uma equilibrada. Acho que hoje a gente tem mais liberdade de falar. (Pasolini)*

Amácio foi a voz discordante, o único participante que avaliou que está havendo aumento de preconceito e de intolerância. Sua resposta é muito clara:

*Não. Eu acho que o preconceito ele não está diminuindo não. Eu acho que estamos passando por um momento de muito mais intolerância, de muito mais... Porque tem a internet e as pessoas ali não precisam de mostrar a cara, falar frente a frente. Elas vão ali, fazem o post e acabam falando o que bem entendem. Quando eu vou postar alguma coisa, seja comentário, seja o que for, eu vou pensar muito bem o que vou fazer. Mas as pessoas de um modo geral, não. Elas colocam: eu tenho ódio de um cara lá que ele é homossexual, ou tenho ódio de um jogador de futebol. Ele vai ali e ele fala na lata, ele escreve ali, porque o que vai aparecer é uma fotinha dele. Ele não está se expondo ali a qualquer outro tipo de coisa, então eu acho que isso acaba deixando, assim, essas pessoas aflorarem de modo mais voluntário esse tipo de coisa. (Amácio)*

É de interesse ressaltar que a menção feita por Amácio ao aumento da intolerância, do ódio, do extremismo, atribuído ao anonimato e à falta de comprometimento que a internet

proporciona pela via das redes sociais, é compartilhado por Pasolini (“Redes sociais deram voz aos imbecis, uma legião de imbecis”) e por Robert (“Nessas redes sociais você vê que aquele preconceito que pensou que tivesse acabado, você vê que está vivo. Surge uma cena de novela, aí parece que vem uma coisa assim de uma hipocrisia, um moralismo, uma coisa contra os gays, assim agressiva”). Os mesmo três participantes (Pasolini, Amácio e Robert) chamaram a atenção para o papel do conservadorismo da moral cristã, da resistência da igreja em compreender as questões relacionadas à homossexualidade, especialmente de algumas denominações de igrejas evangélicas que acirram ódio contra homossexuais. Robert chama a atenção para o risco que representa a atuação de igrejas evangélicas no crescimento da homofobia, especialmente entre os mais pobres.

Para finalizar o presente bloco temático, são examinadas as respostas à indagação a respeito de como os entrevistados gostariam que a sociedade lidasse com o assunto da homossexualidade. O primeiro elemento das respostas a ser destacado é bastante previsível e diz respeito a todos os participantes: não haver preconceito. Elton, Luiz e Robert detalham: inclusive porque a homossexualidade não é uma questão opção ou de preferência, o que poderia ser melhor compreendido se o conceito de orientação sexual se consolidasse e ocupasse espaços de divulgação nos meios de comunicação, no cotidiano do processo de desenvolvimento familiar, e nos processos escolares formais. O tema da educação tem especial destaque pelo potencial de contribuição para a convivência esclarecida, o que é a forma de assegurar tratamento respeitoso a todo indivíduo, esteja ele onde estiver no mapa impreciso da diversidade. Algumas falas são destacadas na sequência para melhor esclarecimento:

*Eu só acho que isso é possível mudar com educação mesmo. Educação na família, educação na escola. Não é só a escola, a família, pelo menos, acho que deve ensinar a criança o respeito pelos outros. Isso é básico, não precisa você saber que ele é*

*homossexual, que ele é negro, nem nada, você tem que ter o respeito e saber tratar bem o outro, com respeito. (Amácio)*

*Eu acho que gay não quer nada de ninguém não, gay só quer respeito. Gay não precisa de ninguém, gay precisa de respeito. Nós somos autossuficientes, não precisamos dos outros, nós precisamos de respeito, nós sabemos trabalhar, nós estudamos, nós pagamos tudo igual a todo mundo, nós temos uma grande sensibilidade. Ai dos heteros se não houvessem os gays. (Luiz)*

Pode ser ilustrativo e pertinente reproduzir outro trecho de fala de Luiz, inclusive por ser um trecho em que aparece a expressão aproveitada no título do presente trabalho.

*Vou lhe dizer: eu acredito que a maioria dos homossexuais não queria ser homossexual. É muito difícil lutar contra o mundo inteiro, entendeu? Mas é uma coisa que vem no pacote. Naquela hora que você falou bem assim ‘sua orientação’, ainda bem que você falou essa palavra porque tem gente que fala opção. Nós não temos opção! É uma coisa que vem. Se você é hetero e falarem bem assim ‘você tá errado e você tem que ser é homo’, você não vai ter como mudar, isso não é opção, isso vem, nasce na pessoa. Então eu não acredito que ninguém vire, tá? (Luiz)*

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os indivíduos que aceitaram participar do estudo constituíram um grupo formado por pessoas com muitas semelhanças em diversas de suas características, sem que isso tenha sido planejado como parte da pesquisa. Essas semelhanças incluem características sociodemográficas como idade, escolaridade, classe social, profissionalização em atividades

com padrão comparável de exigência de competências, sucesso profissional, ausência de filhos biológicos. Mostraram-se muito semelhantes também em outra esfera: todos se descrevem, em relação ao momento atual, como pessoas discretas, que não ficam “levantando bandeira”, ainda que hoje, como senhores que são, não tenham preocupação de manter em sigilo sua orientação sexual. Ficou claro que não atuam politicamente em movimentos que buscam a criminalização da homofobia, ainda que sejam favoráveis a tal reivindicação. A similaridade entre os participantes, ainda que possa ter atuado como fator limitador em algum aspecto, não impediu a produção de narrativas diversificadas, que evidenciam experiências exclusivas a cada indivíduo e ao seu contexto de desenvolvimento na família, nas escolas, na profissão, nos grupos de amizade e na vida amorosa.

Ficou evidente, no entanto, que nessa diversidade narrada é possível localizar uma série de aspectos vividos de forma comum, provavelmente pela rigidez que marca a relação de muitos setores da sociedade com a homossexualidade. Um desses aspectos é a percepção nítida, por parte de todos os entrevistados, de que viviam uma condição diferenciada desde a infância. Essa percepção se dava acompanhada de vivências que levavam a uma conflituosa convicção de que tal condição não era algo aceitável, precisava ser escondida da família e de quase todas as demais pessoas, era uma imoralidade, era uma doença, era algo que talvez fosse melhor reprimir. Esse processo se estende em regime de semi-clandestinidade durante a adolescência, fazendo parte do processo de formação da identidade, talvez mais marcado por mais conflitos do que o processo equivalente vivido por outros adolescentes que não se encontram na mesma condição.

Entre os entrevistados houve reconhecimento quase unânime de que alguns setores da sociedade, nos dias de hoje, lidam de forma mais compreensiva e menos hostil com as relações homoafetivas. O fato desses entrevistados serem idosos permitiu que estabelecessem comparação entre dois momentos relativamente distantes no tempo - os dias atuais e a época

de sua infância e juventude. O fato de avaliarem que ocorreram mudanças é, sem dúvida, auspicioso, mas fica evidente que os participantes percebem que essas mudanças são limitadas e que ainda não é possível vislumbrar o fim do preconceito. Dispositivos legais, como alguns já vigentes, podem contribuir para que uma maior redução nas hostilidades e discriminações se concretize.

Foram relatados episódios em que são visíveis as manifestações preconceituosas das mais diversas modalidades eventualmente vividas pelos entrevistados: provocação, deboche, desqualificação verbal, xingamento, segregação, barreira impeditiva de aproveitamento de certas oportunidades, furto e exploração financeira, violência física, e violência sexual. Em relação às modalidades de práticas preconceituosas descritas por Allport (1962) só não há exemplos de extermínio. As chamadas redes sociais pela via da internet foi vista por alguns dos participantes como mecanismos que têm suscitado preocupação, pela intensidade das manifestações de homofobia que vem sendo estimuladas a partir de alguns grupos de usuários. A intolerância religiosa também foi apontada como potencialmente perigosa para homossexuais pela natureza fundamentalista das concepções que gera e pelas reações de ódio que fomenta.

Essas ocorrências preconceituosas revelam um aspecto do contexto de vida dos homossexuais, que fica claro nos dados obtidos: com seis décadas de vida os entrevistados ainda permanecem vivendo sob risco para a sua segurança pessoal decorrente da condição homossexual. Vale lembrar que estamos falando de seis indivíduos que vivem discretamente, sem preocupação de anunciar sua orientação homossexual a todo momento a partir de sinais reconhecíveis pela maioria das pessoas, com preocupação de evitar ferir susceptibilidades e provocar reações. Não é absurdo pensar que homossexuais com características distintas podem estar ainda mais vulneráveis em termos de segurança.

Essa reiterada condição de insegurança fez parte do desenvolvimento dessas pessoas, foi e continua a ser aspecto interferente na constituição de sua identidade. É difícil imaginar que a ambivalência não seja componente importante dessa identidade conflituosa (Robert, em sua entrevista, diz: *até hoje me reprimo, ainda é problema para mim*), e algumas críticas e restrições dos entrevistados a certas características e manifestações de outros homossexuais são reveladoras a esse respeito. Essa condição de insegurança foi e continua a ser fator limitante de suas práticas (manifestações afetivas, relações familiares, interações com amigos, atividades de lazer, cultivo de interesses pessoais, e em alguns casos até mesmo opções de trabalho). O fato de hoje serem senhores com várias décadas de vida parece associado a mudanças apenas nas relações familiares, que alcançaram uma condição amistosa de aceitação (in)conformada.

O impacto dessa insegurança, erguida pela tradição preconceituosa de considerar que qualquer manifestação que não esteja tipificada como heterossexual é anormal, imoral, desavergonhada e/ou patológica, é visível quando os entrevistados falam de sua preferência por atividades nas quais se expõem menos e reconhecem sua limitação de transitar livremente por todos os espaços sociais (caracterizando uma forma de auto-segregação defensiva que dispensa a imposição formal de segregação compulsória), deixam claro que não contam com suporte legal para determinadas reações ou reivindicações, e optam por responder que, diante da hipótese do preconceito acabar, avaliam que sua segurança e sua cidadania plena seriam realidade.

Um ponto adicional a ser comentado diz respeito ao fato de que algumas respostas dos entrevistados são sugestivas de que eles acreditam que muitos indivíduos heterossexuais (especialmente, pela convivência mais próxima, familiares, amigos e colegas de trabalho) estão consolidando a convicção de que o rótulo homossexual engloba grande diversidade de estilos, de formas de agir e de interagir. Em outras palavras, começam a perceber que não é

adequado generalizar sem fundamento, muito menos a partir de um estereótipo forjado em épocas passadas. Talvez como resultado de mais informação, de menos invisibilidade, de menos medo do desconhecido que agora é mais conhecido, em parte decorrente das várias ações promovidas pela militância contra a homofobia e da popularização de tais ações (mesmo que elas não tenham apoio de toda a diversidade homossexual), não é visível apenas a dicotomia isso ou aquilo. Passa a ser visível uma distribuição mais complexa de componentes e de fronteiras. Algo como um mapa, ainda impreciso, da diversidade homossexual, retomando uma expressão utilizada em ponto anterior do texto. Elton, por exemplo, usou a seguinte expressão: *você tem várias, várias, várias diversidades*. Essa ideia de uma diversidade sobre a qual ainda há bastante a aprender não é estranha aos próprios homossexuais. Três dos participantes da presente investigação (Pasolini, Elton e Amácio) relataram (sem que tenha havido qualquer pergunta a respeito) já terem tido relacionamento homoafetivo com indivíduos que se consideram heterossexuais, e deixaram claro que viver esse tipo de situação causou-lhes estranheza. Oliveira Júnior e Maio (2013) mencionaram em seu estudo pessoas desse tipo, que se identificam como heterossexuais, mas que em vários ou em alguns momentos da vida têm experiências sexuais com pessoas do mesmo sexo para satisfação sexual de tipo não habitual ou por fantasia erótica, e que não se reconhecem como homossexuais e nem mesmo como bissexuais. O relato de Amácio exemplifica bem:

*Não sei se eles seriam também homossexuais pelo fato de estarem mantendo um relacionamento sexual comigo, se eu chamaria de homossexual, embora possam ser casados ou ter namorada, ou ter filhos e tudo, entendeu? Não sei se na cabeça deles passa que eles sejam bissexuais ou que isso tudo faz parte da sexualidade humana, eles topam de tudo. Quase sempre as relações com pessoas que não são gays assumidos, que se consideram heterossexuais, eles rejeitam estar comigo. O fato de estar junto de mim em lugares públicos, sair ou ir ao shopping, então tudo na maior*

*discrição. Pode encontrar comigo no shopping, passar por mim e nem falar oi, entendeu? Principalmente se tiver com alguém da família, vai passar perto de mim e nem vai falar oi, vai olhar assim como se conhecesse de vista e pronto, entendeu?*

Tudo o que foi dito até aqui confirma que ainda há muito a investigar e compreender sobre o assunto, assim como há muito o que fazer. Para melhor fazer é importante a ampliação do conhecimento. Fazer alguma coisa sempre produzirá resultados que podem renovar e estimular a investigação e a ampliação do conhecimento, no caso, conhecimento sobre preconceito contra homossexuais, sobre homofobia.

## 7. REFERÊNCIAS

- Alexandre, M.E.S.; Lima, E.D. & Galvão, L.K.S. (2014). Homossexualidade e a Psicologia: revisitando a produção científica nacional. *Revista Brasileira de Psicologia*, 1 (2), 132-147.
- Allport, G.W. (1962). *La naturaleza del prejuicio*. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires.
- Amâncio, L. (1997). Identidade social e relações intergrupais. Em: J. Vala & M.B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social* (287-307). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Amazonas, M.C.L.A.; Veríssimo, H.V. & Lourenço, G.O. (2013). A adoção de crianças por gays. *Psicologia & Sociedade*, 25 (3), 631-641.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Borrillo, D. (2010). *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Brasil - Portal Atividade Legislativa on-line (2006). *Projeto de Lei da Câmara, nº 122, de 2006*. Disponível em:  
< [http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p\\_cod\\_mate=79604](http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=79604)>.
- Brasil - Ministério da Saúde (2011). *Adolescentes e jovens para uma educação entre pares: diversidades sexuais*. Volume 8. Brasília: Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde.
- Brown, R. (2010). *Prejudice: Its Social Psychology*. West Sussex: Wiley-Balckwell.
- Camino, L. (1998). Direitos humanos e psicologia. Em: Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (Org.). *Psicologia, ética e direitos humanos* (39-63). Brasília: CFP.

- Camino, L. (2004). A psicologia e a luta contra o racismo: temos de que nos orgulhar? Em: CFP (Org.). *Psicologia e Direitos Humanos: Subjetividade e Exclusão* (231-249). Brasília / São Paulo: CFP / Casa do Psicólogo.
- Castillo, M.N.Q.; Rodríguez, V.B.; Torres, R.R.; Pérez, A.R. & Martel, E.C. (2003). La medida de la homofobia manifiesta y sutil. *Psicothema*, 15 (2), 197-204.
- Castro, M.G., Abramovay, M. & Silva, L.B. (2004). *Juventudes e sexualidade*. Brasília: Unesco.
- Denzin, N.K. & Lincoln, Y.S. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- Ferrari, A. & Barbosa, J.G.C.V. (2014). Homossexualidades masculinas e cidade pequena. *Bagoas* (11), 211-236.
- França, D.X. & Monteiro, M.B. (2004). A expressão das formas indirectas de racismo na infância. *Análise Psicológica*, Lisboa, 22 (4), 705-720.
- Gouveia, V.V.; Athayde, R.A.A.; Soares, A.K.S.; Araújo, R.C.R. & Andrade, J.M. (2012). Valores e motivações para responder sem preconceito frente a homossexuais. *Psicologia em Estudo*, 17 (2), 215-225.
- Junqueira, R. D. (2009). Homofobia nas escolas: um problema de todos. Em: Junqueira, R. D. (Orgs.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. (13-52). Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação / UNESCO.
- Lacerda, M.; Pereira, C. & Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 15 (1), 165-178.
- Lima, M.E.O (2013). Preconceito. Em: L. Camino; A.R.R. Torres; M.E.O. Lima & M.E. Pereira (Orgs.), *Psicologia social: temas e teorias* (589-640). Brasília: Technopolitik.

- Lima, M.E.O.; Machado, C.; Ávila, J.; Lima, C. & Vala, J. (2006). Normas sociais e preconceito: o impacto da igualdade e da competição no preconceito automático contra os negros. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 19 (2), 309-319.
- Lima, M.E.O. & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, 9 (3), 401-411.
- Madureira, A.F.A. & Branco, A.M.C.U.A. (2007). Identidades sexuais não-hegemônicas: processos identitários e estratégias para lidar com o preconceito. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (1), 81-90.
- Menandro, P.R.M. e Souza, L. (1991). *Linchamentos no Brasil: a justiça que tarda, mas não falha*. Vitória: FCAA.
- Minayo, M.C.S. (2007). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Monteiro, M.B. (1997). *Conflito e negociação entre grupos*. Em: J. Vala & M.B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social*. (309-352). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mota, M.P. (2014). *Ao sair do armário, entrei na velhice... Homossexualidade masculina e o curso da vida*. Rio de Janeiro: Móbile / Faperj.
- Nascimento, L.C.S. & Pimentel, A. (2011). Delegacia e defensoria pública no combate à homofobia em Belém do Pará. *Barbaroi*, 35, 43-57.
- Oliveira Júnior, I.B. & Maio, E.R. (2013). Opção ou orientação sexual: onde reside a homossexualidade? Em: III Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2013, Maringá-PR. *Anais do Simpósio Internacional de Educação Sexual*.
- Paiva, C. (2009). Corpos/seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. *Bagoas*, 04, 191-208.
- Pereira, C.; Torres, A.R.R. & Almeida, S.T. (2003). Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 16 (1), 95-107.

- Pereira, C.R.; Torres, A.R.R.; Pereira, A. & Falcão, L.C. (2011). Preconceito contra homossexuais e representações sociais da homossexualidade em seminaristas católicos e evangélicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27 (1), 73-82.
- Pettigrew, T.F. & Meertens, R.W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25 (1), 57-75.
- Prado, M.A.M. & Machado, F.V. (2012). *Preconceitos contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez.
- Rabelo, A.A. (2009). “Sendo o que se pode ser”: vivência do preconceito, ocultamento e contração da identidade para homens homoafetivos. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFMG
- Rabelo, A. & Nascimento, A.R.A. (2013). Vivência do preconceito e construção da identidade para homens homoafetivos. *Psicologia e Saber Social*, 2 (1), 131-141.
- Rodrigues, A.; Assmar, E.M.L. & Jablonski, B. (1999). *Preconceito, estereótipo e discriminação*. Petrópolis: Vozes.
- Rossow, B.B.T. (2015). “Da nobreza primeira”: Lembranças de pretos velhos e o fenômeno do preconceito. Tese de Doutorado. Vitória: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.
- Santos, D.K. & Lago, M.C.S. (2013). Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 15, 113-147.
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M.A. (2012). Insensatos afetos: homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira. *Barbarói*, 36, 50-66.
- Souza, E.M. & Pereira, S.J.N. (2013). (Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 14 (4), 76-105.

- Souza, J.M.; Faro, A.; Silva, J.P. & Teixeira, R.S. (2012). Preconceito contra homossexuais: um estudo com universitários sergipanos. Em: VI Congresso Internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de gênero da ABEH, 2012, Salvador-BA. *Anais do Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH*.
- Sousa Filho, A. (2009). A política do conceito: subversiva ou conservadora? - crítica à essencialização do conceito de orientação sexual. *Bagoas*, 3 (4), 50-77.
- Trindade, Z.A. & Nascimento, A.R.A. (2004). O homossexual e a homofobia na construção da masculinidade hegemônica. Em L. Souza & Z.A. Trindade (Orgs.), *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos* (146-162). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zeger, I. (2016). *Direito LGBTI – Perguntas e Respostas*. São Paulo: Mescla.

## **APÊNDICE A- Roteiro De Entrevista**

### **Roteiro De Entrevista**

#### **Bloco 1- Identificação**

1. Idade: \_\_\_\_\_ anos

2. Estado civil: ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Mora junto ( ) Separado/divorciado ( ) Viúvo ( )

Outros: \_\_\_\_\_

3. Com quem mora?

4. Qual é a sua atividade profissional?

5. Qual a sua escolaridade?

#### **Bloco 2- Admissão da orientação sexual e relação com a família e amigos**

6. Quando se iniciaram suas experiências homossexuais?

7. Quando decidiu contar aos outros sobre a sua preferência sexual?

8. Com quem primeiramente teve mais abertura para falar sobre o assunto (familiares, amigos, etc)?

9. Como essa(s) pessoa(s) reagiu(ram) no momento?

10. Como é o seu relacionamento com sua família hoje?

11. Costuma falar abertamente sobre a sua preferência sexual?

11.1.1. **Se sim:** Em quais lugares e com quais pessoas sentem-se mais à vontade para falar sobre o assunto?

11.1.2. Em quais lugares e com quais pessoas evita tocar no assunto?

11.2. **Se “não”:** Por que?

12. Seu grupo de relacionamentos mais próximo é, em sua maioria, formado por pessoas hetero ou homossexuais?

12.1 Como é a convivência com este grupo?

12.2. Quais são os principais conflitos que aparecem?

12.3. O que o incomoda neste grupo?

13. Quais são suas principais atividades de lazer?

### **Bloco 3- Preconceito, discriminação, estratégias utilizadas e auto-conceito**

14. Você considera que há uma diferenciação entre homossexuais e heterossexuais nos ambientes que frequenta?

#### **se sim**

14.1. Quais são essas diferenciações?

14.2. Por que acha que elas acontecem? Dê alguns exemplos

14.3. Dos ambientes que frequenta, em quais essas diferenciações ficam mais evidentes? Por quê?

14.4. Acredita que estas diferenciações te prejudicam? Como?

14.5. O que você faz para se resguardar destes possíveis prejuízos?

15. No que diz respeito aos direitos sociais garantidos por lei, sente-se apoiado igualmente a um heterossexual?

16. Já se sentiu discriminado no seu trabalho ou nas seleções de emprego?

17. Já foi apelidado e ou ofendido com palavras pejorativas em relação a sua preferência sexual? Quando? Como foi sua reação?

18. Já sofreu algum tipo de violência? Quando? Como foi sua reação?

19. Como costuma agir frente a manifestações de preconceito?

20. Como tenta se proteger dessas manifestações preconceituosas?

21. Acha que a classe social interfere na aceitação das pessoas com relação à homossexualidade?

#### **Se sim:**

21.1. Em qual classe pensa que os homens gays são mais aceitos?

**21.2.** Em qual classe é mais fácil assumir a preferência sexual?

**21.3.** Por que acha que isso acontece?

**Bloco 4- Reavaliação de estratégias utilizadas e expectativas sobre futuro da relação sociedade - homossexualidade**

**22.** Caso a sociedade lidasse com a homossexualidade da mesma forma que lida com a heterossexualidade, o que faria de diferente do que faz hoje?

**23.** Acredita que o preconceito está diminuindo?

**24.** Como você acredita que a sociedade estará lidando com o assunto daqui a 10 anos?

**25.** E como você gostaria que fosse?

Deseja acrescentar mais alguma coisa?

## **APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

A ser lido e assinado pelos participantes da pesquisa, conforme exigido pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

**Título:** Experiências de preconceito nos contextos da família, do trabalho e das amizades na percepção de homossexuais masculinos.

**Orientanda:** Larissa dos Santos Alves

**Orientador:** Paulo Rogério Meira Menandro

#### **Parecer Comitê de Ética em Pesquisa:**

\_\_\_\_\_. Estou realizando uma pesquisa acerca do preconceito vivenciado por homens homossexuais. O objetivo desse trabalho é compreender como homossexuais masculinos vivenciam e lidam com o preconceito possivelmente sofrido durante sua trajetória de vida.

Caso aceite participar da entrevista a ser realizada, será convidado a fornecer algumas informações pessoais (escolarização, atividade profissional, idade) e a responder questões sobre características de sua interação com familiares, colegas de trabalho e amigos ao longo de sua trajetória de vida. A entrevista será gravada em áudio e vai ser realizada de forma individual, em dia e horário que será combinado. A coleta pode ter duração média de uma hora. Sua participação será totalmente voluntária. Você pode desistir dela a qualquer momento sem sofrer punição ou sanção.

Toda e quaisquer informações obtidas na pesquisa serão confidenciais, estando disponíveis somente para a equipe de pesquisadores. Serão criados nomes fictícios e as informações serão tratadas de modo a não possibilitar a sua identificação. Os resultados deste estudo poderão ser publicados em periódicos, respeitando todos os critérios éticos aqui mencionados.

A participação na pesquisa é voluntária e não acarretará nenhum ônus nem bônus financeiro para os participantes e também não deverá acarretar benefícios nem danos significativos para a saúde dos mesmos. Como benefício, podemos estimular a reflexão e o diálogo sobre o tema. Como desconforto, a discussão poderá tocar em aspectos pessoais,

revelando conflitos intra e interpessoais. A pesquisa envolve riscos mínimos para a saúde dos participantes, que são adultos com expressiva experiência de vida. Caso os incômodos provocados sejam relevantes, os participantes serão encaminhados para apoio psicológico nas redes de assistência à saúde ou em clínicas escolas, como a da UFES, por exemplo.

Estaremos a disposição para quaisquer esclarecimentos antes, durante e depois da pesquisa.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações que se seguem, no caso de aceitar participar do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Se houver dúvida, você poderá procurar o pesquisador ou o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, conforme informações abaixo:

- Pesquisador Responsável (orientador): Paulo Rogério Meira Menandro  
Telefones: (27) 3335-2501 (Programa de Pós-graduação em Psicologia- UFES)  
Email: menandropaulo@gmail.com
- Comitê de Ética em Pesquisa da UFES, Campus Goiabeiras, Vitória/ES  
Tel. (27) 4009-2430  
E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com.

DESDE JÁ AGRADEÇO A COLABORAÇÃO

Atenciosamente

Larissa dos Santos Alves

Pesquisadora

Após ter tomado conhecimento dos objetivos e procedimentos desta pesquisa: Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, Endereço \_\_\_\_\_, concordo em participar do estudo realizado por Larissa dos Santos Alves. Estou ciente que a participação será totalmente voluntária e que poderá ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Eu recebi uma cópia deste termo e possibilidade de lê-lo e esclarecer quaisquer dúvidas.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora

Cidade: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.